AVENTURAS NA HISTÓRIA

WWW.AVENTURASNAHISTORIA.UOL.COM.BR

MARY DEL PRIORE: UM PANORAMA SOBRE A HISTÓRIA DA VELHICE

REINO DE GAZA: O IMPERADOR AFRICANO QUE VIROU TROFÉU

BRASIL COLÔNIA: A REVOLTA DA CACHAÇA NO RIO DE JANEIRO

AS CRUZADAS VISTAS PELOS ÁRABES

NA ÓTICA CRISTÃ MEDIEVAL, AS GUERRAS SANTAS ERAM JUSTAS E DEVER ESPIRITUAL. JÁ PARA OS MUÇULMANOS, ERAM AGRESSÃO IMPERIALISTA E RELIGIOSA VINDA DO OCIDENTE

ines249

Presidente
Luis Fernando Maluf

Diretor Editorial:
Thiago Lincolins

AVENTURAS NA HISTÓRIA

Edição:
Izabel Duva Rapoport

Edição de arte:
Marli Miler

Revisão:
Hellen Ribeiro

ines249

AVENTURAS NA HISTÓRIA

AS CRUZADAS VISTAS PELOS ÁRABES

NA ÓTICA CRISTÃ MEDIEVAL, AS GUERRAS SANTAS ERAM JUSTAS E DEVER ESPIRITUAL. JÁ PARA OS MUÇULMANOS, ERAM AGRESSÃO IMPERIALISTA E RELIGIOSA VINDA DO OCIDENTE

EDIÇÃO 264

SÃO PAULO
EDITORA PERFIL
2025

ines249

MUNDO PLURAL

"É a vontade de Deus", dizia a multidão que se unia para formar uma peregrinação militar na Europa rumo à Terra Santa. Começava ali o período das Cruzadas, um dos episódios mais importantes da Idade Média e que mobilizou monarcas, religiosos e militares em embates que marcaram o início de um maior contato e conflito entre povos e nações do Oriente e Ocidente. As consequências, sabemos, se arrastam até hoje. Para compreendê-las, a proposta desta edição de AVENTURAS NA HISTÓRIA é ampliar o olhar. Sabe-se que, na Europa, a época das Cruzadas foi o início de uma revolução econômica e cultural. Mas pouco se fala sobre o que as guerras santas levaram ao Oriente.

Já pensou nisso? Imagino que sim, pois o leitor desta revista questiona, busca perspectivas diversas e olha para o outro considerando o contexto histórico, social, cultural.

E eu, ao longo dos seis anos assinando esta carta, passei a viver assim também, como os frequentadores destas páginas. Hoje me despeço, agradecendo a todos que trabalham e já trabalharam por aqui. A vocês, leitores, faço uma reverência especial, seguindo meu caminho mais consciente, "ampla", crítica e transformada. Tal como a História nos faz.

Boa leitura e até mais!

Izabel Duva Rapoport
Editora

mc219

SUMÁRIO

30

CAPA: GRAVES E PROFUNDOS CONFLITOS ENTRE MUÇULMANOS E CRISTÃOS TIVERAM ORIGEM NAS ANTIGAS CRUZADAS

6 **GALERIA**
A Revolução dos Cravos pelas lentes de Alécio de Andrade

13 **DITO E FEITO**
De onde vem o termo "Vá plantar batatas!"?

14 **COMO FAZÍAMOS SEM**
Por favor

16 **MODA**
Nos tempos da brilhantina

18 **ARTE**
Artista jesuíta mesclou os estilos chinês e ocidental

22 **À MESA**
Bolo de aniversário surgiu das festas de culto aos deuses

23 **DÚVIDA CRUEL**
O que é o corredor polonês?

58 **MEMÓRIA**
Caminhada espacial

24 PERSONAGEM
Gungunhana: o controverso imperador do Reino de Gaza

40 BRASIL
Em 1660, os donos de alambiques tomaram o poder no Rio de Janeiro

46 GUERRA
A Batalha de Sedan, no século 19, mudou a Europa para sempre

50 **ENTREVISTA**
MARY DEL PRIORE FALA SOBRE A HISTÓRIA DA VELHICE

54 **COLUNA**
RICARDO LOBATO

NO PODCAST SEMANAL DA AVENTURAS NA HISTÓRIA VOCÊ ACOMPANHA OS PRINCIPAIS ASSUNTOS SOBRE A HISTÓRIA DO MUNDO E DO BRASIL AO LONGO DOS SÉCULOS. AVENTURE-SE!

ines249

A REVOLTA DOS

ines249

CRAVOS

EXPOSIÇÃO NO RIO DE JANEIRO REÚNE FOTOGRAFIAS DE ALÉCIO DE ANDRADE SOBRE MOVIMENTO QUE DEU FIM AOS 40 ANOS DE DITADURA EM PORTUGAL

POR IZABEL DUVA RAPOPORT

ines249

O POVO NAS RUAS

As tropas mobilizadas para derrubar o governo de Marcelo Caetano – que assumira o poder depois de Oliveira Salazar, o ditador que governou Portugal de 1933 até a morte, em 1970 – ganhavam cada vez mais adesões em 25 abril de 1974. Ao longo do dia, Lisboa foi tomada por manifestações que uniam militares e civis de todo o país, em busca de uma causa comum: pôr fim ao regime fascista e, sobretudo, terminar com a Guerra Colonial Portuguesa na África, também conhecida como Guerra do Ultramar, termo oficial utilizado em Portugal, e, em alguns casos, como Guerra de Libertação, especialmente em países africanos que lutavam por sua independência. No conflito, iniciado em 1961, tropas guerrilheiras em Moçambique, Angola e Guiné-Bissau se rebelaram contra o autoritário governo português, que cedia, cada vez mais, a exploração de suas colônias africanas a empresas estrangeiras, na tentativa de se vincular ao mercado europeu. Por fim, a revolução lusa que derrubou a ditadura em 1974 foi também o ponto final do sonho colonial português, moldado com práticas do século 19.

ines249

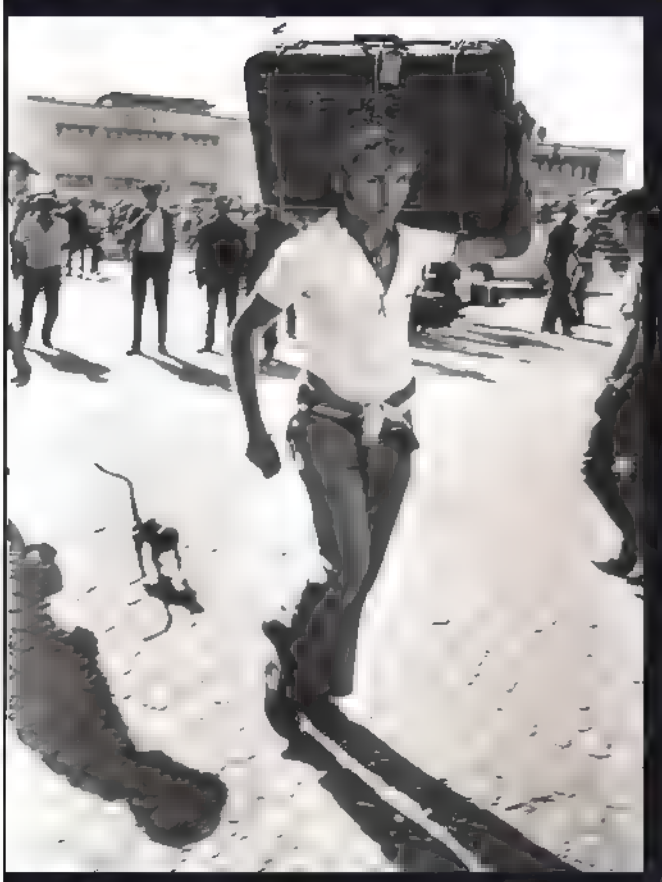
ines249

PROTESTOS DIFERENTES

As décadas de repressão haviam colocado no mesmo barco de descontentes: socialistas, comunistas, liberais, ex-combatentes na África, exilados e desertores. Não por acaso, quando a revolta estourou, Lisboa se viu tomada por potestos de todo tipo, com cartazes inspirados na revolução de Mao Tsé-tung e até mulheres pedindo liberdade sexual. Cenas como estas são facilmente reconhecidas entre as 38 fotografias de Alécio Andrade (1938-2003) expostas na mostra *Luz de Abril, Portugal 1974*, em cartaz até 19 de julho na Pinakotheke Cultural, no Rio de Janeiro. Com idealização de Patricia Newcomer, viúva do artista carioca, o projeto também lança a versão em português do livro homônimo, escrito pelo historiador francês Yves Léonard, especialista em Portugal – e que também assina as legendas de cada imagem a partir de anotações do próprio Alécio, feitas ainda naquele tempo de discurso socialista. Pouco a pouco, Portugal foi caminhando para um regime social-democrata, preocupado em integrar o país não apenas à comunidade europeia, mas também ao capitalismo.

IMAGENS D/MULIGAÇÃO/GETTY IMAGES

O GENERAL
SPÍNOLA
DEMITIU-SE



ELIAS
EMÍDIO

ines249

CAS

CONECTANDO AMOR NO SERTÃO

OBRIGADA!

Você ajudou a mudar a vida dessas pessoas na primeira fase da campanha, que arrecadou 100 cisternas.

Agora, nosso objetivo é entregar

MAIS 100 CISTERNAS

para que essas famílias tenham acesso ao básico, ÁGUA.

Acesse, doe e faça diferença no mundo!

visaomundial.org.br/sertao

Ou aponte a câmera do seu

Veja no link o documentário completo que destaca a resiliência das mulheres diante da escassez de água e o início das entregas da primeira fase

MULHERES NO SERTÃO
A FORÇA QUE SUPERA A SECA

CARAS TT Visão Mundial

ines249

VÁ PLANTAR BATATAS!

EXPRESSÃO FAZ REFERÊNCIA À FACILIDADE EM CULTIVAR O TUBÉRCULO NOS MAIS DIFERENTES LUGARES **POR IZABEL DUVA RAPOPORT**

Ao dizer isso para alguém, você está mandando a pessoa fazer algo inútil ou, dependendo do contexto, mandando que ela te deixe em paz. Tudo porque as batatas, que sempre foram um alimento muito importante na Europa, não são plantadas – ou seja, não surgem em árvores e tampouco dão mudas.

A expressão, de origem portuguesa, começou a ser usada no século 15, época em que a navegação e a pesca do bacalhau ganhavam força em Portugal, enquanto a agricultura, que fornecia os alimentos básicos, tornava-se vítima de certo desdém, principalmente a batata, tida como um alimento vulgar. Quem se dedicasse a plantá-la se sujeitava a uma atividade desqualificada.

Mais tarde, nos países que participaram da Revolução Industrial, ser operário dava mais prestígio do que ser lavrador. Com a decadência das pequenas indústrias, trabalhadores qualificados, recém-desempregados, eram aconselhados a plantar batata.

Até mesmo na cozinha o tubérculo tinha má reputação; e quem o resgatou do ostracismo foi o agrônomo e alquimista francês Antoine Augustin Parmentier (1737-1813), que, enjoado das sempre cozidas e assadas, testou novas técnicas de preparo, chegando às amadas batatas-fritas.

Vale lembrar ainda que o alimento também é protagonista da expressão "é batata!". Usado para designar algo simples de se fazer ou que certamente irá acontecer, o termo surgiu como referência à facilidade e praticidade de cultivo.

POR FAVOR

NA IGUALITÁRIA E DEMOCRÁTICA ATENAS, O USO DO TERMO VIROU NORMA SOCIAL PARA AMENIZAR O IMPERATIVO

Expressões corteses estão presentes em todas as línguas, variando de acordo com tradições culturais e históricas, mas também com o contexto da conversa e o nível de formalidade e intimidade entre os falantes. Entre elas, a "palavra mágica", que qualquer criança em fase de aquisição do idioma é capaz de responder: "por favor". Considerado um sinal de respeito essencial para o relacionamento entre pessoas civilizadas, acredita-se que ele tenha surgido de forma gradual em diferentes idiomas, por meio da adaptação de verbos como "pedir" e "querer" e de outras expressões de amabilidade.

O mais antigo idioma que linguistas tentam reconstruir – considerado originário de quase todas as línguas faladas hoje no mundo ocidental – é o proto-indo-europeu. Nele, existia tanto um verbo para "pedir" – **pre* – quanto frases imperativas. Em um texto reconstruído

ines249

por meio do sânscrito, por exemplo, um rei pede ao deus Varuna: "Me dê um filho". Assim, sem rodeios. Isso não quer dizer que não existissem outras construções sintáticas que tornassem uma frase mais ou menos educada. Para situações ou pedidos de maior importância podiam ser usadas paráfrases, similares às que usamos no português moderno quando apenas o "por favor" não é suficiente. No lugar de pedir que alguém cante, por exemplo, poder-se-ia utilizar algo como: "Eu adoraria ouvi-lo cantar". Entre os gregos antigos, requisições feitas por meio de comandos simples também eram recorrentes. Até o século 4 a.C., o imperativo – "Dê-me aquilo", "Vá", "Faça", "Fale" – era usado tanto entre homens livres como com seus escravizados e mulheres.

Segundo a pesquisadora Eleanor Dickey, apenas 12% das solicitações na literatura clássica grega utilizavam alguma construção indireta mais polida. No século 3 a.C., isso mudou.

Quando a então igualitária e democrática Atenas – em que todos os homens livres se tratavam como iguais – foi conquistada pelo rei macedônico Felipe II, o grego foi assumido como idioma oficial do Império. O rei e seu filho, Alexandre, o Grande, levaram o idioma dos Bálcãs até a Pérsia e o norte do Egito, e incorporaram a ele não apenas a rígida hierarquia macedônica como também as estratificações sociais que se mantiveram entre os diversos povos dominados. A perda da noção de igualdade fez com que os falantes de grego – que não mais se localizavam apenas nas cidades-estado – passassem a dizer "por favor" (*parakalo*) a todos, exceto aos considerados inferiores.

Com isso, a utilização de um termo que amenizasse o imperativo tornou-se norma social. No latim, foram identificadas ao menos seis palavras do tipo, que tinham seu uso adaptado à intensidade e importância do pedido: sendo *quaeso* o utilizado para pedidos mais comuns e rogo para os mais significativos.

Em Roma, eram usados tanto verbos centrados na ação do pedir como outros focados no efeito que o pedido causava em quem o recebia. Assim, além de "eu peço" (*quaeso*, rogo) ou "eu amaria" (*amabo*), surgiram também expressões como "*si tibi videtur*", "*si tibi erit commodum*" (se for conveniente para você) ou apenas "*sis*". Diversas línguas latinas desenvolveram dessas expressões suas próprias versões – como o francês, que, já no século 11, utilizava a locução "*s'il vous plaît*" (se isto lhe agrada). O francês influenciou o inglês – primeiro na forma "*if you please*", no século 14, e assumindo a redução *please* a partir de 1602. Outras línguas também originárias do protoindo-europeu, mas com raiz diferente da latina, mantiveram como expressão mais comum o foco no verbo pedir. É o caso do *bitte*, em alemão, do *prosk*, em polonês, e do próprio *parakalo*, em grego.

OBRIGADO

Embora tenha se desenvolvido de raízes diferentes mesmo entre línguas próximas, a função do "obrigado" é manifestar reconhecimento pelo impacto do favor realizado. Em português, a palavra tem origem no sentimento de dever, ou a obrigação que se cria de retribuir a ação. O francês *merci* é ainda mais intenso: derivando de misericórdia, era utilizado em 800 em cânticos religiosos. Já na Alta Idade Média tinha se tornado recorrente como um pedido de perdão pela obrigação devida. A conotação negativa do agradecimento, porém, não é padrão entre as línguas latinas: o próprio latim possuía a expressão *benigne* – uma redução de "*benigne dices*", ou "o que você diz é bom". O espanhol *gracias* e o italiano *grazie*, próximos do original latino *gratia*, são evoluções do indo-europeu **gwera* – que, há 5 mil anos, já era usado pelo homem para "louvar em voz alta".

ines249

BRILHANTINA

ANTES DA CHEGADA DO PRODUTO, OS VAIDOSOS USAVAM ATÉ COCÔ DE POMBO NO CABELO

A psicologia talvez nunca explique o mecanismo mental que nos faz festejar um determinado penteado como a melhor expressão estética possível do couro cabeludo, enquanto a moda que era considerada o máximo até o dia anterior passa a ser criticada imediatamente como de mau gosto

Mas moda não se discute. E talvez uma das vogas mais marcantes para os cabelos tenha sido a de deixá-los bem assentados e com um aspecto de molhados, o que era conseguido com os mais variados produtos, alguns dos quais seriam considerados até mesmo repugnantes hoje em dia. Gorduras vegetais, como azeite de oliva e de palma, foram populares para aqueles interessados no look molhado. Mas havia ingredientes mais inusitados· uma receita europeia, desenvolvida em torno de 1300, recomendava misturar gordura de lagarto e fezes de pombo e aplicá-los sobre as madeixas revoltas.

Na África, usava-se uma mistura de gordura animal com mel ou ocre, para dar cor Na Ásia, os elaborados penteados da nobreza eram erguidos com o auxílio de pentes e uma

ines249

pomada à base de cera Na América do Norte, a substância mais popular era o óleo de urso, refinado a partir da gordura do animal.

O uso das pomadas comerciais se popularizou em meados de 1800, mas foi no início do século 20 que ingredientes como goma de petróleo e cera de abelhas substituíram a gordura animal. Em 1900, o perfumista Edouard Pinaud introduziu um novo produto à sua linha de cosméticos capilares, chamado Brillantine, a brilhantina O óleo perfumado deixava o cabelo ou bigodes com aspecto molhado e permitia modelá-los.

TOPETES ANOS 1950

Alguns anos mais tarde, em 1929, o Brylcreem foi criado na Grã-Bretanha O creme se tornou tão popular que, na Segunda Guerra, um tubo era incluído no kit de cuidados pessoais dos soldados. Foi na década de 1950, no entanto, que a brilhantina explodiu. Os topetes de Elvis Presley e James Dean serviram de inspiração para uma tribo de jovens chamados de *greasers* (engordurados). O estilo foi relembrado no musical *Grease*, em que John Travolta protagoniza um jovem que ouve rock'n'roll e esculpe cuidadosamente o cabelo

No Brasil, um dos produtos mais populares era o Gumex. A goma vinha pronta ou em pó solúvel em água. Precisava ser aplicada rapidamente, pois logo endurecia. O bordão do produto, "Dura lex sed lex, no cabelo só Gumex", ou, "A lei é dura, mas é a lei, no cabelo..." foi criado pelo compositor Ary Barroso, em uma partida de futebol financiada pela marca.

Por causa do aspecto gorduroso, gírias como "engomadinho" e "lambido" foram associadas aos penteados. A brilhantina foi utilizada em larga escala até meados dos anos 1960, quando os topetes elaborados caíram em desuso e produtos menos densos, à base de gel ou água, a substituíram.

Mas, quando se trata de moda, não se deve nunca desconsiderar algo que esteve em voga no passado. Uma prova disso? O costume de usar produtos gordurosos para assentar e dar volume aos cabelos. O uso de óleos, cremes e pomadas para modelar as madeixas e providenciar brilho data de pelo menos 3,5 mil anos atrás, época em que os antigos egípcios aplicavam gordura animal nos cachos, para garantir sua fixação. E esses cuidados iam além de garantir uma boa figura no dia a dia e miravam a eternidade: a substância foi encontrada em diversas múmias – afinal, se queria causar uma boa impressão ao chegar ao além

GIUSEPPE CASTIGLIONE

JESUÍTA MESCLOU OS ESTILOS CHINÊS E OCIDENTAL

Kangxi é considerado um dos melhores imperadores da China. Em seu reinado, o mais longo da história do país, ele venceu revoltas, conquistou uma riqueza sem precedentes, derrotou uma potência ocidental (a Rússia) e fez a tecnologia avançar.

Parte desse sucesso se deve à sua abertura às ideias vindas do outro lado do mundo. E quem trazia essas ideias eram jesuítas. Em troca do direito de pregarem ao povo chinês, eles ofereciam todo o tipo de conhecimento

TÉCNICA DIFÍCIL

A pintura sobre seda, diferente da técnica ocidental sobre tela, não permite correções. Assim que o tecido absorve a tinta, é impossível tirar. O pintor aprendeu com os mestres chineses a fazer um rascunho completo em papel de seda e só aí transferir para o material.

ines249

O PATRÃO

Este é o imperador Qianlong, o último a quem Castiglione serviu, até a morte do artista, em Pequim, 1766. Apesar de adorarem o realismo ocidental e o uso inédito de sombras, os imperadores não permitiam o uso do *chiaroscuro*, o típico contraste barroco entre luz e sombra. Achavam que parecia sujo – daí as imagens aparecerem como se fossem fotos superexpostas, com sombras quase invisíveis. Outra exigência era serem retratados no trono, de frente e estáticos, como era tradicional na China.

HARÉM

Qianlong pediu que fosse retratado num rolo de seda com todas as suas 12 consortes.

ines249

VOADOR

O imperador Qianlong caçando uma lebre enquanto um serviçal entrega flechas. Castiglione foi o primeiro artista ocidental a retratar um cavalo a todo galope, com quatro patas fora do chão.

ocidental, de línguas a astronomia. E as artes não ficaram de fora.

Nascido em Milão, em uma família rica, Giuseppe Castiglione se juntou à ordem jesuíta como um irmão leigo, sem ter sido ordenado. Ele havia estudado pintura, não religião. Atendendo a um pedido do imperador, os jesuítas estavam procurando por um pintor e, em 1710, o jovem de 22 anos foi escolhido. Em sua viagem, fez um "estágio" de cinco anos em Portugal, pintando a *Nova Catedral de Coimbra*. Chegou à China em 1715.

Adaptando seu estilo barroco ao gosto dos monarcas, seguindo convenções chinesas, Castiglione criaria um estilo único, que seria copiado pelos artistas chineses nas gerações seguintes. Após a morte de Kangxi, em 1722, ele serviria a ainda dois outros imperadores

MELHOR AMIGO

O artista criou uma série chamada *Dez Cães Valiosos*, com os bichos de estimação do imperador. Este é Cangni, um mastim tibetano. Todos os outros homenageados eram galgos chineses.

ines249

BOLO DE ANIVERSÁRIO

DELICIOSO COSTUME TEVE ORIGEM NAS FESTAS DE CULTO AOS DEUSES DA ANTIGUIDADE

POR IZABEL DUVA RAPOPORT

Agradeça à deusa Ártemis, celebrada pelos gregos como a matrona da fertilidade, pelo aparecimento do bolo de aniversário. A guloseima é provavelmente a evolução de um preparado de mel e pão, no formato de uma lua, que fiéis levavam ao famoso templo em homenagem a ela na antiga colônia grega Éfeso, atual Turquia.

Há especialistas, porém, que defendem a teoria de que a tradição do bolo de festa surgiu na Alemanha medieval, onde se costumava preparar uma massa de pão doce no formato do menino Jesus no Natal. Depois, essa receita seria adaptada para a comemoração dos aniversários de crianças.

O uso das velas sobre o bolo também teria sido herdado das oferendas aos deuses antigos, que tinham a missão de levar, por meio da fumaça, os desejos e as preces dos fiéis até o céu, para que eles fossem atendidos.

Já as festas, feitas para celebrar os nascimentos, tem sua origem incerta. Embora não saibam exatamente quando a tradição surgiu no Ocidente, os historiadores sabem que a festa já era conhecida na Antiguidade. "Os romanos não apenas comemoravam o dia do nascimento como tinham um nome para o evento: *dies sollemnis natalis*", afirmou o historiador Pedro Paulo Funari. "Há, por exemplo, um registro do século 2 em que uma cidadã chamada Cláudia Severa convida sua amiga Sulpícia Lepidina para a comemoração."

ines249

O QUE É O CORREDOR POLONÊS?

EXPRESSÃO VEM DA ESTREITA FAIXA DE TERRA DISPUTADA POR ALEMÃES E POLONESES ENTRE AS GRANDES GUERRAS

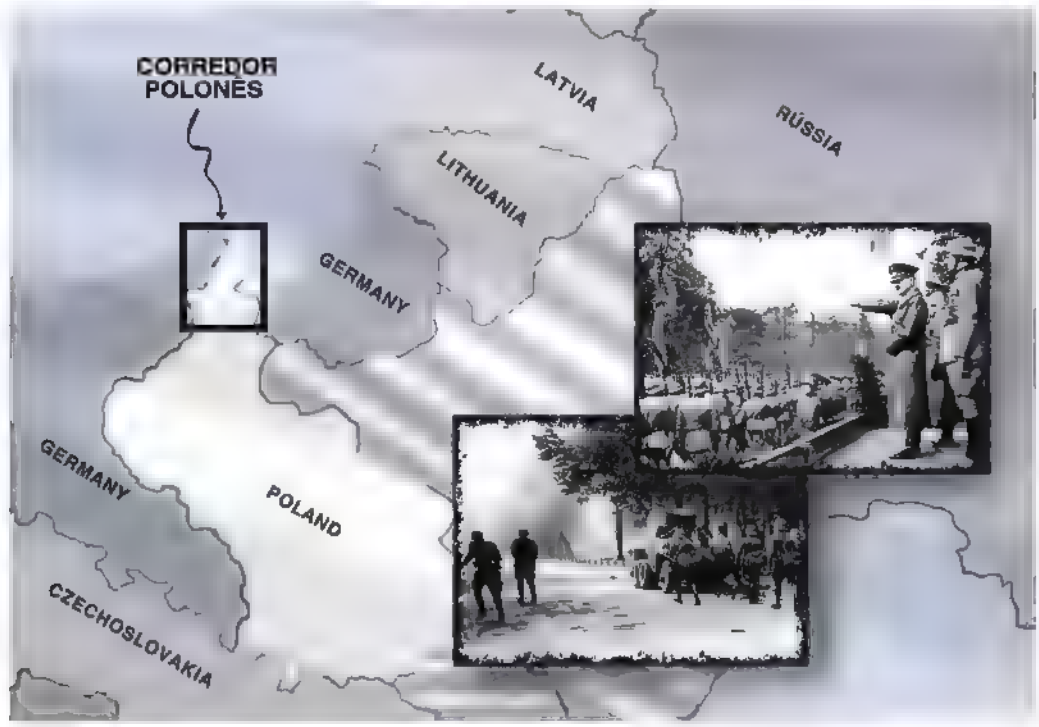
POR MÁRIO ARAUJO

Corredor polonês foi o nome dado à faixa de terra transferida da Alemanha para a Polônia, em 1919, pelo Tratado de Versalhes – o acordo de paz assinado após a Primeira Guerra. Ele garantia ao país acesso ao Mar Báltico. "A região fizera parte do Reino da Polônia antes de ser anexada à Prússia entre os séculos 10 e 14 e também entre 1453 e 1772", disse o historiador Geraldo Cavagnari. "Além disso, a população era, em sua maioria, polonesa."

No entanto, nenhum governante alemão aceitou as novas fronteiras Em 1933, o Partido Nazista assumiu o poder na Alemanha. Nos anos de 1938 e 1939, respectivamente, Áustria e Tchecoslováquia foram conquistadas por Hitler. E em 10 de setembro de 1939 teve início a campanha da Polônia, vencida em duas semanas. As Forças Armadas alemãs ocuparam a região e todo o território a oeste do Rio Bug (quarto maior rio da Polônia) foi anexado à Alemanha

A porção situada a leste desse rio passou a pertencer à União Soviética. A invasão do país pelo Exército nazista de Hitler deu início à Segunda Guerra Mundial. Ao fim dela, a Conferência de Potsdam determinou que os territórios do corredor e de Danzig, a leste, que tinha sido ocupada pelos russos, fossem devolvidos à Polônia – e, assim, o país manteve seu acesso ao mar

Mais recentemente, o termo "corredor polonês" ganhou outro sentido. Passou a designar a fila dupla, formada por policiais, por onde os prisioneiros deveriam passar, sendo agredidos fisicamente por ambos os lados.



GUNGUNHANA

O CONTROVERSO IMPERADOR DO REINO DE GAZA

TEXTO RODRIGO CASARIN

Portugal consolida seu império colonial em Moçambique com a captura do imperador de Gaza

Gungunhana virou um troféu de guerra em 28 de dezembro de 1895. O então imperador de Gaza, reino africano ao sul da área que hoje pertence a Moçambique – e que nada tem a ver com a atual Faixa de Gaza, é bom deixar claro –, caíra nas mãos dos portugueses. Levaram-no ao país ibérico para exibi-lo à população em Lisboa, mostrando o tamanho da importância, na visão dos próprios colonizadores, que era derrubar o mandatário, um personagem que desagradava a parte dos europeus e dividia a opinião daqueles que estavam sob seu comando. Com o seu fim, também acabava um Império que durou cerca de sete décadas e impôs muita resistência aos colonizadores – não apenas aos lusitanos mas também a ingleses e bôeres.

NASCIMENTO DO IMPÉRIO

Os *nguni* eram grupos que integravam populações que habitavam a região do sudeste africano. Rebeldes tanto aos estrangeiros quanto às forças de Tchaka Zulu, chefe local que lutou contra os ingleses que tentavam dominar o local no início do século 19, em uma área que hoje corresponde ao nordeste da África do Sul, costumavam fugir de ambos os processos de centralização política. Esses grupos, que não esmoreciam, começaram a se agrupar – ou ser agrupados – e tomar forma de reino por volta de 1828, quando o general Sohangane, que permaneceria no poder até 1858, emergiu como uma liderança *nguni* – e mudou seu próprio nome para Manikusse.

DISPUTA ENTRE IRMÃOS

Estabeleceram-se na região que chamariam de Gaza. Mesmo após a consolidação do poder de Manikusse, seriam atacados por regimentos de Zulu, obrigando-os a se deslocar um pouco mais ao norte, para as terras acima do Rio Save, que hoje marca a divisão entre o sul e o centro de Moçambique. Por lá teriam dias relativamente mais tranquilos – se é que poderia haver alguma tranquilidade em uma África repleta de europeus querendo tirar-lhe proveito.

"A ausência de intervenção direta europeia nesse processo de ocupação resulta na fraca existência de registros escritos que possam ▶

ines249

articular um relato definitivo. Por outro lado, os esforços de recuperação de uma história oral da região mostram que a chegada desses grupos foi muito mais contestada do que esperada e muitas vezes eles atuaram de acordo com as formas de resolução de conflitos de maneira submissa, principalmente frente aos grupos com os quais logo estabeleceram coalizões para o domínio dos mais interioranos", explicou Hector Guerra Hernández, doutor em antropologia social e estudioso da história de Moçambique

Os europeus não tiveram vida fácil depois que o Império de Gaza foi estabelecido. Os portos de Lourenço Marques e Inhambane, pontos estratégicos na região, por exemplo, foram atacados por Manikusse, que submeteu os portugueses que ocupavam as cercanias à sua liderança. Tensões por eventos semelhantes

EM RELAÇÃO AO PROCESSO DE PARTILHA, IMPERADOR SE DESTACA PELO PODER NAS NEGOCIAÇÕES COM EUROPEUS

se estenderam até 1858, quando Manikusse morre, desencadeando um momento de instabilidade política que derivou para uma guerra interna pela sucessão do seu lugar. Muzila e Mawewe, os dois irmãos que disputavam o posto, eram nomes fortes do governo e homens de confiança do recém-morto líder. Ao cabo, Muzila contou justamente com a ajuda dos lusitanos, além de bôeres e ingleses, para derrotar o irmão e tomar o poder para si.

"Após o conflito interno, Muzila estabeleceu um tratado de cooperação, em 1869, com os portugueses, que na leitura lusitana na metrópole equivalia a um tratado de 'vassalagem'. No entanto, na prática, a presença e influência portuguesa na região se reduziam aos portos de Lourenço Marques e Inhambane", descreveu o especialista.

RESISTÊNCIA

Muzila morre em 1884 e é seu filho, Gungunhana, quem assume o poder. E um poder bastante conturbado A maneira como lidava com parte de seu povo – ou, melhor dizendo, com todos os povos que integravam o império sob seu domínio – e aqueles que o cercavam também gerava desagrados. Grupos como os chopes e bitongas, que habitavam a região Inhambane e Inharrime, a leste do reino, impunham constante resistência aos exércitos de Gungunhana, enquanto outras lideranças contestavam a legitimidade de seu poder. O mandatário desagradava aos seus supostos pares principalmente pela maneira com que costumava se apropriar do gado das comunidades locais para obter recursos e fortalecer seu poder militar

Olhando para a relação com os europeus, no entanto, o imperador mostrava habilidade "Gaza sob o domínio de Gungunhana foi palco de negociações com ingleses, bôeres e portugueses, seja para obter permissão de caça, seja para negociação de armas e escravizados. Os três grupos procuravam acesso à região de Gaza tanto para entrar nas zonas de elefantes quanto para chegar ao Oceano Índico. Gungunhana, durante seu mandato, foi uma figura muito controversa, no entanto, em relação ao processo de partilha, caracterizou-se pelo seu senso de poder nas negociações com esses europeus, ao conseguir acirrar os desafetos entre as três partes, mantendo durante um bom tempo o controle sob a região", explicou o professor.

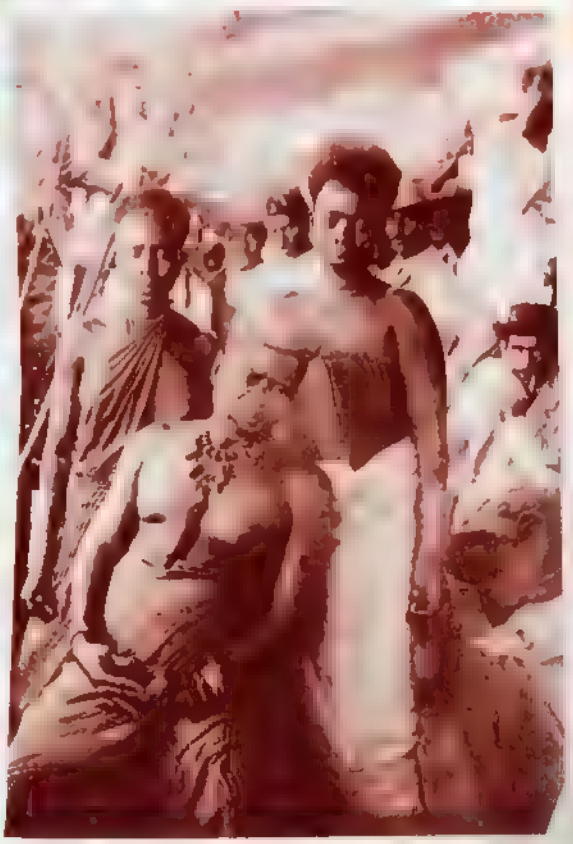
GOLPE

No entanto, os lusitanos procuravam fincar seu domínio sobre os territórios que justamente compõem o atual Moçambique. Com isso queriam evitar que ingleses (para quem a região possuía valor estratégico, principalmente para Cecil Rhodes, homem que comandava negócios por lá), bôeres (que ocupavam terras ao sul) e alemães (que estavam ao norte) importunassem-no Foi quando – depois de aborrecimentos com os portugueses – Gungunhana estreitou relações e negociações com outros estrangeiros que o sinal de alerta soou com mais força ainda entre os que ▶

ines249

Ao lado e abaixo à direita, Gungunhana com sua coroa de cera. Abaixo, Gungunhana (*sentado, à esq.*), o último imperador de Gaza, com os filhos, em seu exílio nos Açores

ines249



Gungunhana e suas várias esposas: na foto ao lado, duas das favoritas, abaixo, sete que o acompanharam para Portugal – um escândalo para a moral do Velho Mundo da época

ines249

respondiam a Lisboa. Para estes, derrubar o imperador e acabar com o domínio *nguni* em Gaza se tornara um objetivo primordial.

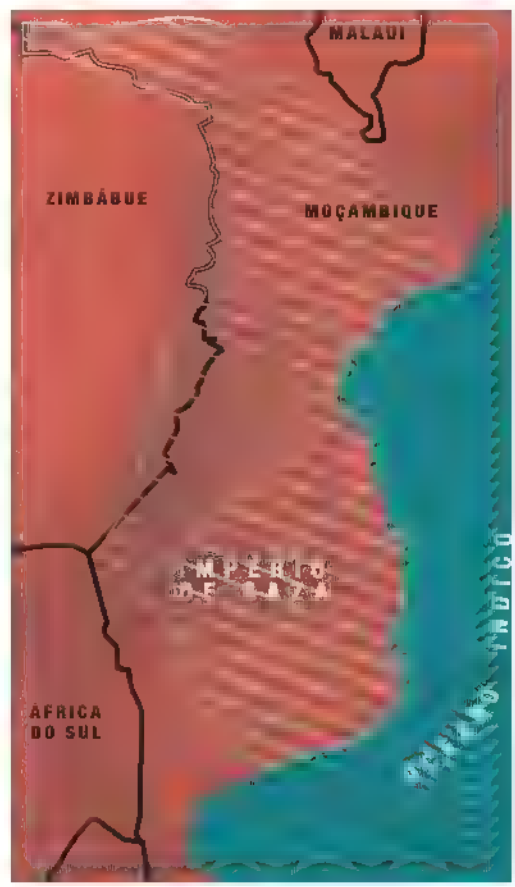
DECADÊNCIA

É difícil dizer com exatidão o que levou à derrocada do imperador, sua captura em 1895 e o consequente fim do Império de Gaza, todavia. O cenário internacional contribuiu, claro. "Após a Conferência de Berlim (1884-1885), acirraram-se as disputas pelos territórios africanos e a posse da província de Moçambique viu-se seriamente ameaçada pelo interesse britânico e por seu projeto expansionista de ligar o Cairo ao Cabo. Nesse contexto, o sul de Moçambique era particularmente importante como escoadouro natural de toda a produção da África do Sul. O anseio britânico de anexar a região resultou no envio de representantes ao poder que parecia desafiar e sobrepor ao de Portugal na região – o Reino de Gaza. Diante da ameaça crescente à posse da província, o governo português reuniu esforços concentrados enviando as tropas encarregadas de subjugar o Reino de Gaza e garantir a ocupação efetiva desse território", aponta Gabriela Aparecida dos Santos na obra *Reino de Gaza: O Desafio Português na Ocupação do Sul de Moçambique*.

Fato é que as populações locais tiveram uma participação central nesse processo, talvez até mais decisiva do que a ação direta europeia. A maneira como Gungunhana lidava com o seu povo, ou parte dele, o desgastou internamente, fazendo com que os próprios africanos questionassem os seus abusos de poder, contestassem sua hegemonia e até se aliassem a lusitanos localizados na costa da região para derrubá-lo.

"Essa falta de hegemonia, por sua vez, foi percebida e habilmente usada pelos portugueses em função de reunir aliados para derrotar o exército de Gungunhana. Porém, a resistência à presença portuguesa foi igualmente grande, tanto de parte dos ainda apoiadores de Gungunhana, liderados por Maguiguane Kossa, como por populações locais após a derrota deste último", relatou Guerra Hernández. Depois de ser levado para Portugal e exibido à população local, o agora ex-imperador foi desterrado em Açores, onde morreria em 1906.

E, segundo o professor Guerra Hernández, a figura de Gungunhana permaneceria controversa mesmo dois séculos depois de sua morte. "Ela é contestada principalmente pelas províncias no centro e norte do país, pois não aceitam o caráter nacional que o partido no governo insiste em lhe dar por ser apenas um personagem histórico sulista, mas também no próprio sul é contestado pelo caráter estrangeiro e autoritário com que dominou a região." AH



APÓS A CONFERÊNCIA DE BERLIM, A POSSE DA PROVÍNCIA SE VIU AMEAÇADA PELO INTERESSE BRITÂNICO

AS CRUZADAS VISTAS PELOS ÁRABES

NA ÓTICA CRISTÃ MEDIEVAL, AS EXPEDIÇÕES ERAM CONSIDERADAS GUERRA JUSTA, PEREGRINAÇÃO ARMADA E DEVER ESPIRITUAL. JÁ PARA OS MULÇUMANOS, ERAM CONCEBIDAS COMO AGRESSÃO IMPERIALISTA E RELIGIOSA VINDA DO OCIDENTE

POR MARCUS LOPES

nes249

Em maio de 1981, o turco Mehmet Ali Agca, líder de uma organização terrorista turca de extrema direita, explicou em poucas palavras os motivos que o levaram a disparar dois tiros à queima-roupa contra o papa João Paulo II, em plena Praça de São Pedro, no Vaticano: "Decidi matar João Paulo II, comandante supremo dos cruzados".

A ação do atirador turco mostra como os graves conflitos entre muçulmanos e cristãos, que tiveram origem nas antigas Cruzadas, persistem na mente e nas ações de muitas pessoas séculos após as grandes expedições militares, políticas e religiosas promovidas pela Igreja Católica rumo ao Oriente. E como as lacunas de conhecimento sobre esses conflitos impedem o conhecimento e análise mais refinada sobre uma disputa com graves efeitos na atual cisão política e religiosa do mundo.

Uma das maneiras de compreender o litígio é ouvir as partes envolvidas no conflito. É o que busca o escritor líbano-francês Amin Maalouf em *As Cruzadas Vistas pelos Árabes* (Editora Vestígio). O objetivo é contar um dos episódios mais importantes da Idade Média sob a perspectiva do "outro lado": povos mesopotâmicos que tiveram suas terras e culturas invadidas, saqueadas e devastadas durante mais de três séculos, em nome de uma suposta hegemonia cristã sobre a Terra Santa.

Na perspectiva ocidental, as Cruzadas sempre foram apresentadas como um movimento de forte expansão política e econômica europeia rumo ao continente asiático, com o objetivo final de ocupar Jerusalém, berço do cristianismo. Por outro lado, pouco se fala nas consequências sofridas pelos povos que viviam na grande área da antiga Mesopotâmia, considerada berço da civilização e formada hoje por países como Síria, Israel, Iraque, Líbano e Turquia.

"Na ótica cristã medieval, as Cruzadas eram vistas como guerra justa, peregrinação armada e dever espiritual. No entanto, na ótica árabe, era concebida como agressão imperialista e religiosa vinda do Ocidente", explica o professor Rony Rei do Nascimento Silva, doutor em educação e docente do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Tiradentes (Unit), em Aracaju (SE).

O historiador Silas Souza, professor de História da Universidade Presbiteriana Mackenzie, compartilha a mesma linha de raciocínio. "Do ponto de vista muçulmano, as Cruzadas foram percebidas como uma invasão, uma guerra injusta que os cristãos estavam fazendo contra eles", explica Souza.

Enquanto na Europa a época das Cruzadas foi o início de uma verdadeira revolução econômica e cultural, afirma o autor de *As Cruzadas Vistas pelos Árabes*, no Oriente as guerras santas levariam a longos séculos de decadência e obscurantismo. "Sitiado por todos os lados, o mundo muçulmano se encolhe sobre si mesmo", explica Maalouf, e conclui: "Ele se tornou medroso, defensivo, intolerante, estéril, atitudes que se agravam à medida que prossegue a evolução do mundo, em relação à qual ele se sente marginalizado".

COMO TUDO COMEÇOU

Para entender as divergências oriundas das Cruzadas, é importante resgatar o contexto desde a sua origem, que remonta ao início do século 11, especificamente ao mês de novembro de 1095. Diante da Catedral de Clermont, pequena cidade localizada no interior da França, o papa Urbano II convoca as pessoas presentes no local para a formação de uma expedição militar. O objetivo: libertar a Cidade Sagrada de Jerusalém, que se encontrava em domínio muçulmano, desde o século 7.

"É a vontade de Deus", respondeu, em coro, a multidão, que se unia para a formação de uma peregrinação militar rumo à Terra Santa. Começava ali o período das Cruzadas, um dos episódios mais importantes da Idade Média e que mobilizou monarcas, religiosos e militares em embates entre povos e nações do Oriente e Ocidente, cujas consequências se arrastam até os dias de hoje.

As Cruzadas consistiram em expedições militares feitas por potências cristãs europeias, entre os séculos 11 e 13, com o objetivo declarado de reconquistar territórios sagrados do controle muçulmano. Foi um dos maiores movimentos geopolíticos que uniu a Igreja Católica, sediada em Roma, às monarquias europeias, que começavam a ganhar musculatura com o início do declínio feudal. Havia ainda os interesses comerciais de grandes negociantes instalados em cidades como Pisa e Veneza, na Itália, ansiosos para desbravar e con- ▶

Manuscrito francês do século 15 registra momento em que papa Urbano II anuncia a Primeira Cruzada, em 1095

NA EUROPA, A ÉPOCA DAS CRUZADAS FOI O INÍCIO DE UMA REVOLUÇÃO ECONÔMICA E CULTURAL

A Conquista de Jerusalém, 1099, por Émil Signol

FOI UM DOS MAIORES MOVIMENTOS QUE UNIU A IGREJA CATÓLICA ÀS MONARQUIAS EUROPEIAS

nes249

quistar novas rotas de comércio com o Oriente.

Outro fator importante para a jornada com fundo religioso foi o próprio crescimento demográfico europeu. O aumento da população era incompatível com a baixa produtividade do sistema feudal. Sem condições de alimentar toda a população, muitos feudos expulsavam os camponeses de suas terras, criando uma camada marginalizada e fonte de problemas. Era necessário conquistar mais terras para acomodar tanta gente.

Mesmo entre a nobreza havia necessidade de pensar alternativas para acomodar o excedente de pessoas. Existia naquela época o costume de destinar as heranças apenas aos filhos primogênitos, deixando de lado uma série de outros descendentes. Muitos seguiam o caminho do clero e se tornavam religiosos, mas a própria Igreja não conseguia mais absorver tantos nobres "sem-terra".

As Cruzadas se tornaram um caminho alternativo para acomodar todo esse excedente demográfico. Ou seja, mais do que um movimento religioso para libertar um território considerado sagrado pelos cristãos, as expedições eram a intersecção de interesses políticos, sociais e econômicos que fervilhavam entre líderes políticos e católicos na Europa. Desde a tomada de Jerusalém pelos muçulmanos, ocorrida por volta de 635, havia um movimento crescente de insatisfação entre os cristãos europeus com o Islã. Mas, como as rotas de peregrinação religiosa entre o Ocidente e o Oriente continuaram a funcionar normalmente durante séculos, houve certa acomodação em toda a região do antigo Império Romano, que após a queda foi fragmentado na porção ocidental (Europa), mas continuou firme na parte oriental (Império Bizantino).

"Historicamente, as Cruzadas marcaram o início de uma fase de maior contato e conflito entre o Ocidente cristão e o mundo islâmico, influenciando especialmente o fortalecimento do poder papal e da Igreja Católica, a abertura de rotas comerciais entre Europa e Oriente, a militarização da fé e a ideia de 'guerra santa', entre outros aspectos", explica o professor de Sergipe.

A situação se agravou no século 11, quando os turcos seljúcidas ameaçaram impedir o acesso de viajantes não muçulmanos a Jerusalém. Nessa época, também houve a derrota dos bizantinos para os turcos em Manzinkert, na Ásia Menor, outro duro golpe para a cristandade, que perdia cada vez mais territórios do antigo Império Romano para o Islã.

CRISTÃOS ORIENTAIS

Diante da tensão crescente, em 1095 o imperador bizantino Aleixo I enviou emissários ao papa Urbano II, pedindo auxílio de Roma para a recuperação dos domínios cristãos no Oriente. Ciente da complexa situação, que poderia colocar em risco a própria influência cristã na Europa, Urbano II aproveitou o Concílio de Clermont Ferran para conclamar os fiéis sobre a necessidade de reconquistar os territórios sagrados ameaçados pelo islamismo.

"É urgente levar com diligência aos nossos irmãos do Oriente a ajuda prometida e tão necessária ao momento presente. Os turcos e os árabes atacaram e avançaram pelo território da Romênia até a parte do Mediterrâneo chamada Braço de São Jorge, e penetram mais a cada dia nos países dos cristãos", discursou o papa à população, durante o Concílio. "Se vós deixardes isto sem resistência, estenderão os seus exércitos ainda mais sobre os fiéis servidores de Deus. (...) Eu falo aos que estão aqui presentes e o proclamo aos ausentes, mas é o Cristo quem convoca", completou Urbano II, conforme registrado no livro *História da Idade Média* (Editora Unesp).

Era o início das Cruzadas. Em um período de dois séculos houve pelo menos seis grandes expedições iniciadas na Europa rumo ao Oriente. Além da disputa com os muçulmanos pelo domínio da Terra Santa, Urbano II pretendia, com as Cruzadas, reunificar a Igreja Católica, que se encontrava dividida desde o Cisma do Oriente, em 1054. "O objetivo era basicamente reforçar a autoridade papal e consequentemente unificar a cristandade sob a liderança de Roma", diz o professor Rony Rei.

Considerado um dos mais importantes episódios históricos da Igreja desde a sua fundação, o Cisma do Oriente marcou a divisão entre a Igreja Católica Romana, com sede em Roma, e a Igreja Ortodoxa, com sede em Constantinopla, que era a capital do Império Bizantino. A divisão criou duas igrejas independentes por causa das históricas diferenças culturais, sociais e geográficas entre Oriente e Ocidente, que remontavam ao período da queda do Império Romano, nos primeiros séculos da era Cristã. ▸

nes249

"Defender os cristãos ortodoxos era importante para a Igreja ocidental, pois tratava-se de uma oportunidade para promover a unidade perdida durante o Cisma do Oriente, quando as igrejas gregas e orientais se separaram do Vaticano", explica o historiador Silas Souza, do Mackenzie. "A proteção desses cristãos orientais era importante para o fortalecimento da Igreja ocidental e do próprio papado".

POLÍTICA E RELIGIÃO

Toda essa engenharia religiosa, política e econômica, diz Souza, não significa o despojamento do fator fé por parte dos cruzados, que ostentavam a cruz como símbolo maior. "Tudo era feito em nome de Jesus Cristo e da fé. Havia, obviamente, esse objetivo piedoso por parte das Cruzadas, nem todos estavam interessados apenas em poder e riquezas", afirma o historiador

O professor Rony Rei, da Universidade Tiradentes, segue na mesma direção. "As Cruzadas são um exemplo claro de como religião e política estavam entrelaçadas. Podemos citar o poder papal como liderança política e religiosa. Também podemos falar dos senhores feudais e reis que viam nas Cruzadas uma forma de conquistar territórios, prestígio e salvação espiritual ao mesmo tempo", explica Rony.

Fato é que, após a convocação de Urbano II em Clermont, um exército de milhares de cruzados partiu para a primeira Cruzada, em 1096. Em troca da convocação militar, o papa prometia a absolvição de todos os pecados, o que atraiu gente de todo tipo: bandos de camponeses expulsos de feudos, fanáticos religiosos, salteadores, cavaleiros e membros da pequena nobreza atrás de novas oportunidades em regiões distantes.

"Os participantes vieram de toda a Europa e tinham motivações variadas Isso incluía pecadores em busca da salvação da alma, perdão das obrigações feudais e saldo de dívidas, além de muitas promessas. Expedições posteriores foram conduzidas por exércitos geralmente mais organizados", conta o geógrafo e historiador Bagdassar Minassian, que durante mais de cinco décadas trabalhou o tema em colégios e cursos pré-vestibulares.

Após derrotarem os turcos em Dorilea, em 1097, os cruzados tomaram Edessa, onde fundaram o primeiro estado latino do Médio Oriente, e posteriormente Antioquia, em 1098. Após novas e sucessivas conquistas, em grande parte devido à desagregação das forças muçulmanas e apoio de comunidades cristãs da Síria e Palestina, em 1099 os cruzados chegaram aos muros de Jerusalém. A cidade foi conquistada pelos enviados de Roma em meio a uma carnificina que massacrou, sem distinção, muçulmanos e judeus, estabelecendo o domínio romano na terra do Santo Sepulcro.

No livro *As Cruzadas Vistas pelos Árabes*, o autor descreve as estratégias de invasão dos dominadores e ressalta que elas eram facilitadas pela imensa fragmentação política em toda a Ásia Menor, o que provocava grandes disputas e guerras locais. "O exército muçulmano não é uma força homogênea, mas uma coalizão de príncipes com interesses muitas vezes contraditórios", confirma o escritor líbano-francês, destacando que brigas e disputas entre príncipes, emires e cádis (líderes locais) simplificaram a vida dos cristãos.

Em alguns casos, como no principado de Trípoli, considerada a joia do Oriente árabe, o cádi Jalal al-Mulk propôs uma aliança com os invasores europeus. Foi um grande erro. Os emissários francos ficaram tão maravilhados com os jardins, palácios, o porto e o mercado dos ourives daquele lugar que não deram ouvidos às propostas do cádi. E após mil dias de cerco, Trípoli caiu nas mãos dos cruzadistas.

Uma série de pequenos estados, condados e reinos na região do Oriente Médio foi estabelecida pelos cruzados para garantir a conquista da Terra Santa, sendo os mais importantes os de Edessa, Trípoli, Antioquia e, claro, Jerusalém. Também foram criadas ordens militares para proteção e assistência da população local e dos peregrinos que se dirigiam à Jerusalém. Os principais grupos de cavaleiros com esta finalidade eram os Templários e os Hospitalários, que prestavam juramentos como os monges, mas protegiam o solo sagrado aos cristãos com espadas e não com orações.

CONTRAOFENSIVA MUÇULMANA

A partir do século 12, novas cruzadas foram organizadas para reagir à contraofensiva muçulmana no Oriente, gerando um clima de grande insta- ▶

Urbano II Prega a Primeira Cruzada, obra da Galleria di Piazza Scala, em Milão.

COMEÇAVA UM MAIOR CONTATO E CONFLITO ENTRE O OCIDENTE CRISTÃO E O MUNDO ISLÂMICO

Cruzados em meio aos saques na cidade de Constantinopla, capital do Império Bizantino controlado pela Igreja Ortodoxa

EM DOIS SÉCULOS HOUVE AO MENOS SEIS GRANDES EXPEDIÇÕES DA EUROPA RUMO AO ORIENTE

ines249

IMAGENS GETTY IMAGES/WIKIMEDIA COMMONS

bilidade política e militar na região. Graças à atuação de líderes islamitas como Nur al-Din e Salah al-Din, conhecido como Saladino, uma série de derrotas foram impostas aos cristãos, que perderam vários territórios conquistados anteriormente. A perda mais sentida foi Jerusalém, que retornou aos domínios muçulmanos em 1187

Na Europa, a perda de Jerusalém para as tropas de Saladino causou grande comoção. No ano seguinte à queda da cidade, o papa Gregório VII organizou uma nova e grande cruzada, ao qual se juntaram grandes soberanos europeus, como o imperador germânico Frederico I, conhecido como "Barba Ruiva", e os reis Ricardo Coração de Leão, da Inglaterra, e Felipe Augusto, da França

Apesar de conterem o avanço de Saladino, os cruzados não reconquistaram Jerusalém. O máximo que conseguiram foi a assinatura de um acordo no qual os muçulmanos manteriam o controle de Jerusalém, mas comprometiam-se a permitir o livre trânsito dos peregrinos aos lugares santos, como o Santo Sepulcro, onde Jesus Cristo, conforme acreditam os Evangelhos, foi sepultado após ter sido crucificado e morto. A partir daí começou uma lenta decadência do movimento pela libertação cristã no Oriente. A Quarta Cruzada (1202-1204), organizada pelo papa Inocêncio III entre 1202 e 1204, nem sequer chegou à Terra Santa. Os objetivos iniciais foram abandonados e os cruzados, nesta expedição, estavam mais interessados em saquear as riquezas de Bizâncio (Constantinopla) e desmembrar o Império Bizantino. Na Quinta Cruzada (1217-1220), o sultão egípcio Al-Kamil derrotou os terçados no Cairo e os obrigou a abandonar o Egito. A mesma resistência seria imposta pelos mamelucos egípcios nas cruzadas seguintes, derrubando cidades e regiões inteiras dominadas pelos cristãos europeus até que, em 1291, o sultão mameluco al-Ashraf Kalil arrasou a cidade de Acre, na Palestina, o último bastião cruzado

CONSEQUÊNCIAS E LEGADO

A era das Cruzadas chegava ao final. As consequências e o legado religioso, geopolítico e econômico, porém, permaneceriam nos séculos seguintes

No plano da política ocidental, as Cruzadas acentuaram a crise do feudalismo, provocando a decadência dos senhores feudais e fortalecendo a centralização política por parte dos reis. "As monarquias nacionais começaram a se reestruturar, em detrimento dos senhores feudais locais", afirma Souza. No lado oriental, houve a decadência e fragmentação do Império Bizantino e reforçou, mais do que o antigo próprio Cisma do Oriente, a separação da cristandade oriental e ocidental, além do fortalecimento dos estados muçulmanos.

No contexto econômico, houve a reabertura do comércio no Mar Mediterrâneo, possibilitando o renascimento comercial e urbano, outro duro movimento contra o feudalismo. O golpe final ao período medieval viria em 1453, com a tomada de Constantinopla pelos otomanos e o fim do Império Bizantino, e por consequência do antigo Império Romano, dando início à era moderna

"As Cruzadas tiveram muitos resultados práticos, como a retomada do comércio com a Ásia. A busca de especiarias, porcelanas e sedas, enfraquecida durante o período feudal, renasceu. Houve incremento do comércio com resultados positivos para a burguesia e o sistema bancário, que começava a se estruturar", explica o professor do Mackenzie.

Já no cenário diplomático, mesmo com as posteriores reconquistas muçulmanas de territórios e cidades, os estragos estavam feitos. Os longos períodos de declínio, isolamento e devastação estrangeira em consequência das Cruzadas – cujo símbolo era a cruz católica no peito dos uniformes militares e estandartes – fomentaram nos muçulmanos um desejo de justiça e vingança religiosa contra o Ocidente que perdura até hoje. Basta lembrar os acontecimentos de 11 de setembro de 2001, em que os Estados Unidos sofreram uma série de ataques coordenados pela rede fundamentalista Al-Qaeda. Entre outras represálias do passado; do presente e, tudo indica, do futuro. AH

ines249

A REVOLTA DA CACHAÇA

EM 1660, INDIGNADOS COM OS ALTOS IMPOSTOS E PERSEGUIDOS POR VENDER SUA BEBIDA, OS DONOS DE ALAMBIQUES TOMARAM O PODER NO RIO DE JANEIRO. FORAM DERROTADOS, MAS GANHARAM O RESPEITO DE PORTUGAL

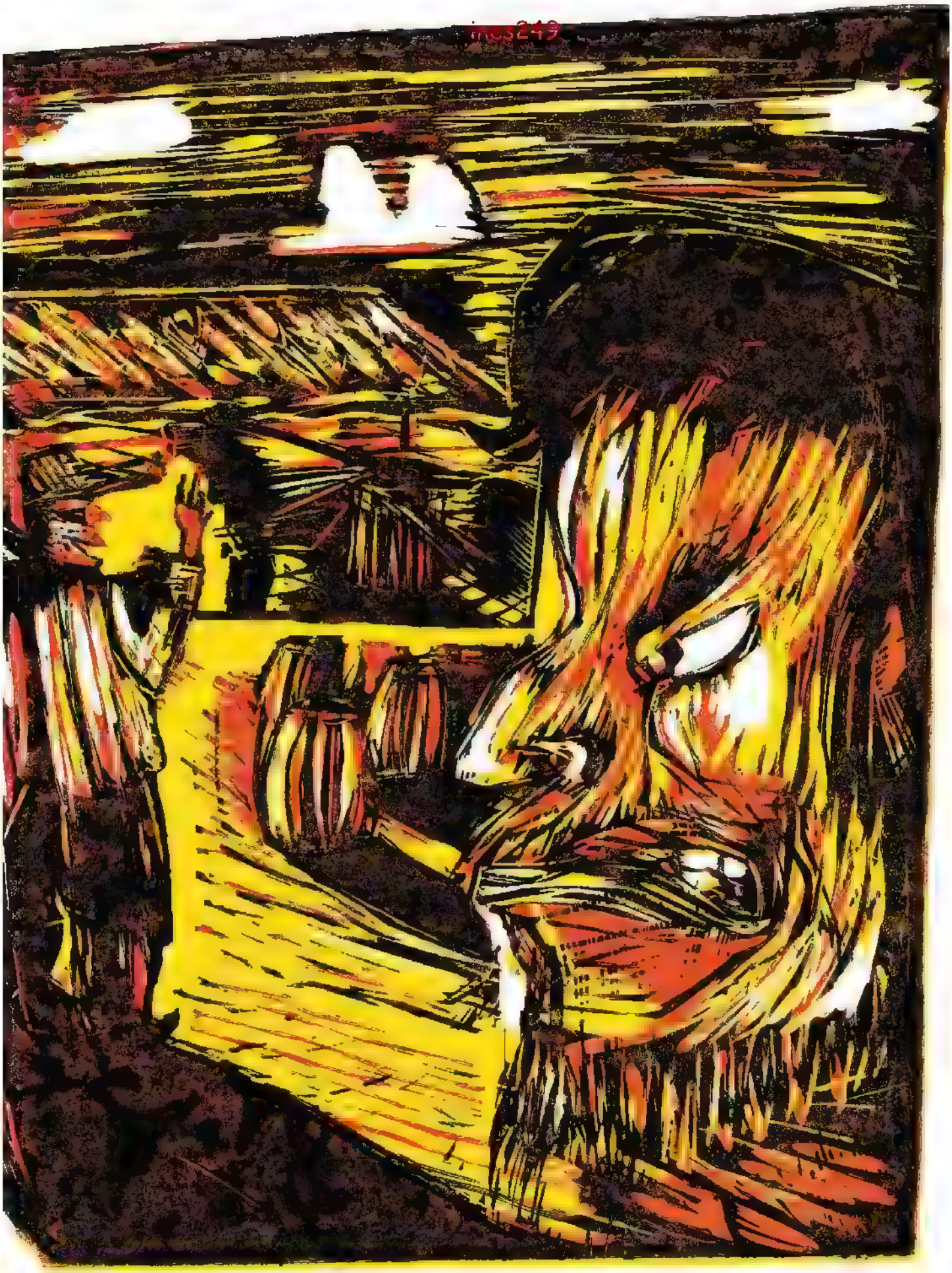
POR ERNANI FAGUNDES

Desde 1994, a cachaça é, por lei, definida como "produto cultural" do nosso país. Em meados do século 17, entretanto, a legislação sobre a bebida era bastante diferente. O Brasil era uma colônia, e os portugueses não permitiam que a aguardente fosse vendida. Embora as autoridades coloniais fizessem ameaças e apreensões, fazendeiros desafiavam a proibição para produzir cachaça.

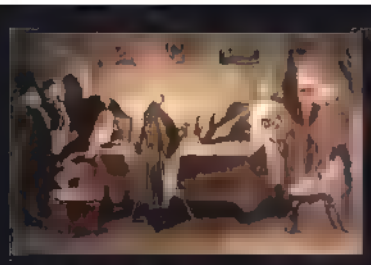
A região da então capitania do Rio de Janeiro concentrava boa parte dos alambiques. Em 1660, mesmo ano em que a Câmara dos Vereadores do Rio foi proibida de liberar o comércio da aguardente, os alambiqueiros fluminenses lideraram uma rebelião. Tomaram o poder e governaram a cidade por cinco meses. O movimento, conhecido como Revolta da Cachaça, foi derrotado, mas os produtores da bebida deixaram claro que mereciam ser respeitados. Conseguiram o perdão da coroa portuguesa e abriram caminho para a legalização da cachaça.

A história da mais brasileira das bebidas começou cerca de um século antes do levante. Em 1532, o colonizador Martim Afonso de Souza trouxe mudas de cana-de-açúcar para a Vila de São Vicente (hoje uma cidade no litoral de São Paulo). A cachaça surgiu poucos anos depois, quando alguém decidiu destilar resíduos do caldo de cana. Os engenhos de açúcar se espalharam pelas capitanias de Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro. E a cachaça seguiu o mesmo caminho.

Se a bebida fez a alegria de colonos e nativos, a coroa portuguesa não achou graça na novidade. Portugal produzia sua própria aguardente, a bagaceira, a partir do bagaço de uva. ▶



ines249



UM BRINDE À LIBERDADE

Apesar de terem assumido o poder no Rio de Janeiro e desobedecido às leis coloniais, os líderes da Revolta da Cachaça nunca chegaram a questionar o domínio de Portugal sobre o Brasil. Tempos depois, no século 18, a bebida voltaria ao centro de uma revolta. Mas, desta vez, a independência do país estava entre as reivindicações. Em 1789, os intelectuais, padres e militares envolvidos na Inconfidência Mineira tomavam cachaça como forma de protestar contra Portugal. O próprio Tiradentes, personagem mais famoso do movimento, teria dito: "Molhem a minha goela com cachaça da terra" antes de ser enforcado. O padre Domingos Xavier, inconfidente e irmão de Tiradentes, fabricava cachaça em seu alambique e a servia nos encontros secretos dos conspiradores. Em 1817, a cachaça voltou a ser símbolo do nacionalismo brasileiro. Foi na Revolução Pernambucana, que promoveu um boicote aos produtos vindos de Portugal. A "aguardente da terra", como era chamada, foi escolhida como bebida antilusitana. O folclorista Luís da Câmara Cascudo, no livro *Prelúdio da Cachaça*, conta que o padre João Ribeiro, um dos líderes do movimento pernambucano, se recusava a brindar com bebidas europeias. Optava sempre pela cachaça.

DE DOSE EM DOSE

1635

Primeira decisão da corte portuguesa proibindo o consumo de cachaça. Não teve muito efeito prático.

1816

A Companhia Geral do Comércio passa a deter o monopólio da venda de vinho e bagaceira (destilado português) e proíbe o comércio da cachaça. Mas a bebida começa a ser vendida em Angola.

ines249

Se o Brasil lançasse no mercado um produto semelhante, isso significaria mais concorrência e, portanto, menos lucro para os produtores de Portugal. Assim, em 1635 surgiu a primeira lei proibindo o consumo da cachaça. Mas, como o poder de fiscalização das autoridades coloniais era pequeno, a bebida continuou sendo produzida e vendida.

Em 1647, foi criada a Companhia Geral do Comércio. Essa empresa portuguesa passou a ter o monopólio da venda de vários produtos nas colônias, incluindo as bebidas alcoólicas. Mas não adiantou muito: a aguardente brasileira fazia tanto sucesso que, no mesmo ano, começou a ser contrabandeada para Angola, também dominada por Portugal.

O AÇÚCAR AMARGOU

Em meados do século 17, o comércio de açúcar havia transformado o Rio de Janeiro em um dos maiores polos econômicos do império português. Mas, longe dali, um acontecimento mudaria muito a vida fluminense. Em 1654, os invasores holandeses foram expulsos de Pernambuco e começaram a produzir açúcar nas Antilhas. Em poucos anos, a concorrência acabou arrasando a economia do Rio, cujo açúcar era de baixa qualidade. Enquanto o lado legal do mercado canavieiro fluminense ia para o buraco, o ilegal florescia. No fim da década de 1650, a cachaça vendia como nunca. Os alambiqueiros não se escondiam por causa de sua atividade clandestina. Muitos deles eram conhecidos fazendeiros, influentes na administração da capitania do Rio de Janeiro.

A paz durou até 1659. Foi quando a coroa portuguesa emitiu uma ordem que proibia, de novo, o comércio da aguardente. Mas, desta vez, houve repressão. Alambiques foram destruídos. Os homens que neles trabalhavam foram ameaçados de multa e deportação para a África. A reação dos alambiqueiros foi se concentrar no contrabando para Angola, onde a cachaça se tornou moeda de troca no mercado de escravizados.

No início de 1660, Salvador Correia de Sá e Benevides assumiu o cargo de capitão general da Repartição Sul do Brasil, que se estendia do atual Espírito Santo até onde hoje é o estado de São Paulo. Ele já tinha comandado a cidade do Rio no passado e era membro de uma família tradicional da política fluminense – descendia de Mem de Sá, o terceiro governador-geral do Brasil. Para mostrar serviço, o novo governante decidiu aumentar os impostos.

No início, a ideia era cobrar uma taxa sobre as posses dos moradores. Diante da crise econômica, a Câmara do Rio rejeitou a proposta. Como a cachaça seguia dando lucros, os vereadores sugeriram que a venda dela fosse liberada com a cobrança de impostos. Isso aumentaria a arrecadação e, ao mesmo tem- ▶

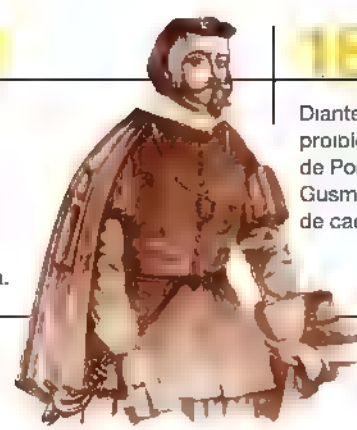
MESMO COM O MERCADO DE AÇÚCAR EM CRISE, O GOVERNO CRIOU NOVOS IMPOSTOS. ISSO REVOLTOU OS ALAMBIQUEIROS

1659

Portugal manda destruir alambiques. Produtores de cachaça são ameaçados e navios com a bebida são queimados. Mas o contrabando cresce.

1660-1661

Os produtores fluminenses de cachaça se rebelam contra os impostos criados por Salvador Correia de Sá e tomam o poder no Rio de Janeiro por cinco meses, eliminando taxas e liberando o comércio da bebida.



1661

Diante da inutilidade das proibições, a rainha regente de Portugal, dona Luísa de Gusmão, libera a fabricação de cachaça no Brasil.

ines249

po, diminuiria as dores de cabeça dos alambiqueiros. Salvador de Sá concordou, e a medida foi decretada em 31 de janeiro de 1660. O problema é que a decisão contrariava as leis de Portugal. Após o protesto da Companhia Geral do Comércio, o capitão general teve que voltar atrás. A bebida continuou proibida e Salvador de Sá pressionou a Câmara a aprovar o intragável imposto sobre a riqueza dos cidadãos

PODER DE FOGO

Em setembro de 1660, Salvador de Sá viajou para São Paulo e colocou Tomé Correia de Alvarenga, seu tio, no governo do Rio. A principal orientação era botar soldados na rua para cobrar a nova taxa. Do outro lado da Baía da Guanabara, os moradores da freguesia de São Gonçalo do Amarante (que hoje compreende as cidades de São Gonçalo e Niterói) se revoltaram contra o imposto. O fazendeiro Jerônimo Barbalho, um dos principais produtores de cachaça da região, rapidamente se tornou líder do povo enfurecido. Numa madrugada do início de novembro, um grande grupo de rebeldes atravessou a Baía e chegou ao Rio. Diante da Câmara, Barbalho deu um ultimato, exigindo o fim das taxas e o reembolso de tudo o que já havia sido pago pela população

Tomé Correia de Alvarenga aceitou as condições de Barbalho, mas a presença de um parente do odiado Salvador de Sá no governo incomodava os rebeldes. Na manhã de 8 de novembro, eles pegaram em armas e convocaram o povo para uma reunião. Alvarenga percebeu que os soldados cariocas estavam ao lado dos revoltosos e fugiu. Enquanto uma multidão saqueava as casas de Salvador de Sá e de seus parentes, a assembleia popular elegeu Agostinho Barbalho, irmão de Jerônimo, como novo governador. O problema é que Agostinho, que estudava num convento franciscano, não estava a fim de assumir o poder. Mas a multidão, com Jerônimo Barbalho à frente, o arrancou de lá. Ameaçado de morte, ele aceitou o "convite". Foi aclamado governador num ato que contou com a assinatura de 112 senhores de engenho.

No poder, o precavido Agostinho logo jurou fidelidade a Portugal. Informado da rebelião, em São Paulo, Salvador de Sá aceitou Agostinho como governador. Mas o franciscano resistiu no poder só até 8 de fevereiro de 1661. A nova Câmara, recém-eleita, resolveu colocar o radical Jerônimo Barbalho no cargo. Ele não demorou a se embriagar com o poder. Dispensou militares e perseguiu jesuítas, acusando-os de colaborar com Salvador de Sá. O povo logo começou a se opor ao autoritarismo do novo governo.

Barbalho não duraria muito no cargo, pois Salvador de Sá se preparava para retomar a cidade. Ele pediu reforços da Bahia, que chegaram ao litoral fluminense no início de abril. Antes do amanhecer do dia 6, acompanhado

LIDERADOS POR JERÔNIMO BARBALHO, OS PRODUTORES DE CACHAÇA TOMARAM A CIDADE E EXIGIRAM O FIM DOS IMPOSTOS

1662

O padre Antônio Vieira denuncia, em Belém do Pará, a troca de cachaça por indígenas escravizados

1670-1675

O governador do Rio de Janeiro, João da Silva e Souza, torna-se um dos principais contrabandistas de cachaça para a África.

1679

Ordem da coroa portuguesa proíbe por dez anos a importação de cachaça brasileira em Angola. Mas o contrabando continua, comandado inclusive por governadores do Brasil e de Angola.

ines249

por suas tropas particulares, o capitão general entrou no Rio, enquanto os soldados baianos desembarcavam na praia. Por causa da surpresa, não houve resistência.

Ainda pela manhã, Salvador de Sá montou uma corte marcial. Ao longo do dia, rebeldes foram condenados à prisão. A Jerônimo Barbalho coube a pena de morte. Numa carta de 10 de abril, o capitão general informou ao rei português Afonso VI que mandara enforcar Barbalho ao anoitecer do dia 6, expondo sua cabeça em público. Explicou que o castigo serviria para desencorajar qualquer outra tentativa de rebelião

O Conselho Ultramarino de Portugal, que cuidava das colônias, não tinha ficado nem um pouco satisfeito com a revolta. Mas tampouco gostou do castigo excessivo dado a Barbalho. Salvador de Sá foi afastado do governo e teve que responder a um processo. As autoridades concluíram que ele havia sido autoritário demais e que a Revolta da Cachaça tinha sido justa, afinal. "Os revoltosos acusaram Salvador de Sá de ter tentado tomar o lugar do rei na colônia", disse o professor de História Antônio Pereira Caetano. "Os demais líderes do movimento foram perdoados pela revolta e condecorados pela lealdade ao rei."

Ainda em 1661, a rainha de Portugal, a regente Luísa de Gusmão, resolveu permitir a fabricação da aguardente no Brasil. Os alambiqueiros tinham motivos de sobra para comemorar. Mas provavelmente não fizeram isso tomando cachaça: por achar a bebida pouco refinada, preferiam o vinho português. ▶

1684-1684

O principal contrabandista de cachaça, João da Silva e Souza, é nomeado governador de Angola

1690-1694

Câmara Coutinho é nomeado governador-geral do Brasil e pressiona pela liberdade de comércio.

1695

Finalmente, Portugal aprova as exportações de cachaça, mediante taxas de saída do Brasil e entrada em Angola. Em menos de dez anos, o comércio legal com a África alcançaria 689 pipas (barris) anuais, com 310 mil litros de aguardente.

ines249

A BATALHA DE SEDAN

CAI UM GIGANTE, NASCE OUTRO. A FRANÇA DE NAPOLEÃO III CEDE ESPAÇO PARA O NASCIMENTO DO IMPÉRIO ALEMÃO. O COMBATE QUE DECIDIU A GUERRA FRANCO-PRUSSIANA, NO SÉCULO 19, MUDOU A HISTÓRIA DA EUROPA PARA SEMPRE

POR ROBERTO NAVARRO

ines249

Encurralados na cidade fortificada de Sedan, na França, perto da fronteira com a Bélgica, entre cadáveres destroçados pela artilharia prussiana, os soldados franceses tinham ânimo sombrio naquele ensolarado 1º de setembro de 1870. Pouco mais de um mês antes, seu entusiasmo beirava a euforia. Como a maioria das pessoas na França, esperavam vencer sem dificuldades a Guerra Franco-Prussiana, confiantes no poderio financeiro e industrial de seu país. Embora inquietos com os recentes problemas políticos no governo do imperador Napoleão III, não tinham dúvida quanto à sua capacidade em esmagar o inimigo. Mas, apesar de subestimada pelos franceses, a Prússia, estado germânico na costa do Mar Báltico, tendo Berlim como capital, também atravessava um período de crescimento econômico. Havia superado a França na fabricação de aço e instalação de ramais ferroviários. Mais importante: a Prússia contava com notável máquina de guerra, apoiada num programa de convocação obrigatória.

Impulsionadas pelo militarismo, suas aspirações políticas eram enormes. Depois de ocupar a região norte do que hoje é a Alemanha e o leste da Polônia desde o século anterior, a Prússia lançou-se em guerras expansionistas contra a Dinamarca e a Áustria. Seu principal líder, Otto von Bismarck, nomeado primeiro-ministro, em 1862, pelo kaiser Guilherme I, dedicava-se ao projeto de unificar sob sua liderança os outros estados germânicos. O imperialismo prussiano alarmava a França, ameaçada em sua posição de potência dominante na Europa. Em meados de 1870, o príncipe Leopold de Hohenzollern-Sigmaringen, aparentado à família real prussiana, declarou-se pretendente ao trono da Espanha, batendo de frente com interesses franceses. Depois de muita ameaça, a candidatura foi retirada, mas Bismarck manipulou o incidente para jogar um país contra o outro. "Ele queria ver a unificação nacional alemã consumada e achava que uma luta patriótica contra uma agressão estrangeira viria bem a calhar", afirmou o historiador americano Theodore Hamerow

Do lado francês, Napoleão III estava convencido de que a França poderia derrotar a Prússia e que a vitória faria bem à sua declinante popularidade e declarou guerra em 19 de julho. Em 1º de agosto, otimista com a lendária bravura do soldado francês, ordenou o avanço sobre território inimigo. Foi o primeiro erro numa série de operações mal concebidas. Apenas após alguns dias de invasão, os franceses foram obrigados a recuar. Dois de seus principais exércitos lutaram e perderam quatro batalhas seguidas. Após o último desses reveses, em Gravelotte, em 18 de agosto, as tropas francesas viram-se envolvidas pela movimentação prussiana e, duas semanas mais tarde, estavam isoladas na cidade fortificada de Sedan. A posição era estratégica, pois dominava a área do Rio Meuse, última barreira natural entre a fronteira prussiana e Paris, a capital da França. Ali, concentrava-se o destino da guerra. Todos sabiam disso e mesmo Napoleão III, doente, acometido por fortes cólicas renais, dirigiu-se para Sedan.

GUERRA SEM HERÓIS

As colinas em torno da cidade haviam sido tomadas pelos prussianos, reforçados por tropas de outros estados germânicos e suas poderosas peças de artilharia. O 1º de setembro amanheceu quente, com tempo bom e ampla visibilidade, facilitando a ação dos canhões. Em meio ao bombardeio preliminar, escaramuças iniciadas na véspera intensificaram-se nas primeiras horas da manhã nos campos próximos, e numa delas o marechal Mac-Mahon, líder do Exército francês, foi ferido. O comando passou então para o general Ducrot, que tentou organizar uma retirada para posições defensivas antes de o avanço prussiano conseguir fechar o cerco. Ao saber disso, o general francês Wimpffen anunciou ter ordens do Ministério da Guerra autorizando-o a assumir o Exército caso algo acontecesse com Mac-Mahon. As forças francesas na área eram transferidas assim ao controle de seu terceiro oficial comandante num período de quatro horas. Diante da chuva de granadas disparadas pelos canhões prussianos, Wimpffen cancelou a retirada. Porém, o fogo da artilharia continuava causando estragos entre os franceses. Em debandada, as tropas posicionadas em campo aberto fugiram ao encontro dos homens reunidos em Sedan, permitindo que os prussianos completassem o cerco por volta das 11 horas. No começo da tarde, Napoleão III já pensava em rendição, mas sua cavalaria não e ainda lutava para romper as linhas adversárias em Floing, a cerca ▶

ines249

CESSAR FOGO

A Guerra Franco-Prussiana passou à história como o conflito que destruiu um império e criou outro. A queda de Napoleão III resultou na proclamação da Terceira República e acabou com a hegemonia francesa na Europa continental. Além de pagar pesadas indenizações, a França foi obrigada a ceder os territórios da Alsácia e Lorena. Do outro lado, em território alemão, a vitória provocou uma grande onda de entusiasmo patriótico, que resultou na unificação da Alemanha – a região era formada por 36 microestados, dos quais o mais forte era a Prússia. Estavam lançadas as bases para o imperialismo alemão nas décadas seguintes. Os anos entre 1871 e 1914 foram marcados por uma paz instável, com a França determinada a recuperar a Alsácia e Lorena. Franceses e alemães permaneceram à beira de novo choque armado e essa animosidade seria uma das motivações para a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). "A Primeira Guerra foi a revanche dos franceses. Vitoriosos, impuseram aos alemães o Tratado de Versalhes, em 1919, que determinava multas pesadíssimas e limitava a capacidade alemã de organizar tropas, além de retomar Alsácia e Lorena", disse a historiadora Maria Aparecida de Aquino. Para ela, a animosidade franco-prussiana ainda teve repercussões durante a Segunda Guerra Mundial, quando os alemães mais uma vez invadiram a França e ocuparam Paris.

de 2 quilômetros de Sedan. Enquanto isso, no alto de uma colina da região, ordenanças do general prussiano Helmuth von Moltke serviam canapês e vinho branco ao rei Guilherme I da Prússia, que assistia a tudo como se estivesse na ópera ou numa corrida de cavalos. Ao lado dele no camarote improvisado, os convidados incluíam Bismarck, um repórter do jornal inglês *The Times*, representantes dos exércitos da Grã-Bretanha, da Rússia e dos Estados Unidos e um verdadeiro quem é quem da nobreza alemã, que assistia à cena bem de perto, conforme registrou mais tarde o diário de um dos convivas: "O espetáculo de carnificina era horrível, e os gritos aterrorizados das vítimas de nossas granadas subiam até onde estávamos"

Lá embaixo, a cavalaria francesa lançou três cargas naquela tarde. Todas foram contidas pelos fuzis prussianos e pelo terreno desfavorável. Perguntado por Ducrot se poderia atacar de novo, o general Gallifet, chefe da cavalaria, respondeu: "Quantas vezes o senhor

TEATRO DE GUERRA

Cerca de 120 mil franceses foram cercados por 200 mil prussianos. Acompanhe os momentos finais da batalha que dividiu a Europa

1 Os prussianos instalaram seus canhões nas montanhas em torno de Sedan e iniciaram intenso bombardeio, além de ocupar a vila de Floing, a 2 quilômetros dali. Para romper as linhas inimigas e escapar do cerco, os franceses precisavam tomar o vilarejo

4 Para chegar a Floing, a cavalaria francesa foi obrigada a atacar descendo uma ladeira, num terreno tão irregular que seus cavalos escorregavam e caíam

ines249

desejar, *mon général*, enquanto ainda sobrarem alguns de nós para lutar". Por volta das 3 horas da tarde, os franceses fizeram uma última e desesperada tentativa. Reuniram todos os esquadrões dispersos da cavalaria e avançaram colina abaixo com o que restava da infantaria. Foram quase todos mortos

Já não havia esperanças e Napoleão III aceitou a derrota, ordenando a rendição. As baixas francesas somaram 3 mil mortos, 14 mil feridos e 21 mil desaparecidos ou capturados, contra menos de 9 mil prussianos feridos ou mortos Bismarck e Guilherme I receberam o imperador da França. Foi um encontro embaraçoso. Cabisbaixo, Napoleão III limitou-se a elogiar as forças prussianas e fez apenas um pedido: seguir para o cativeiro pela Bélgica. Queria evitar a humilhação de atravessar derrotado o território francês. Bismarck aceitou e, em 3 de setembro, o imperador partiu para um palácio na Prússia onde ficaria preso. Os 83 mil franceses sobreviventes não tiveram o mesmo privilégio Debaixo de chuva, marcharam para um campo de prisioneiros, que ficaria conhecido como *le camp de la misère* (o campo da miséria), pelos tormentos provocados pela fome e por doenças

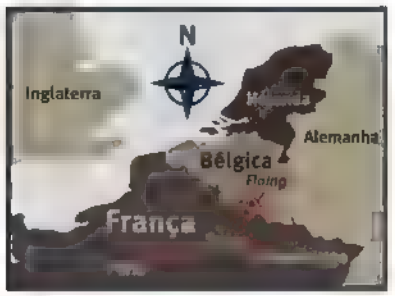
A guerra estava decidida, mas não acabou de imediato. Sua segunda fase consistiu numa sustentada por guerrilheiros franceses, os *franc tireurs*. Mesmo tendo conseguido resultados melhores que o Exército convencional, pouco podiam contra a poderosa Prússia. Cercada e bombardeada, Paris rendeu- se em 18 de janeiro de 1871 (a guerra acabou, oficialmente, em 1º de março, com a assinatura do Tratado de Frankfurt). Terminava também uma era na história das táticas militares. Formações compactas de soldados e cargas de cavalaria, de tanta importância em séculos anteriores, seriam a começar dali abandonadas pelos estrategistas europeus, substituídas pelo poder de fogo das novas armas de infantaria, pelas linhas de barragens de artilharia e pela mobilidade das tropas, principais lições dos quase dez meses de guerra entre a França e a Prússia. AN

1 As táticas francesas eram pouco eficazes e consistiam no emprego de duas linhas maciças de cavaleiros com sabre em punho, realizando ataques sucessivos para tentar romper as defesas prussianas

2 Bem treinados e disciplinados, os prussianos resistiram às seguidas cargas da cavalaria francesa em Floing, causando pesadas baixas nas forças inimigas, atingidas pelo fogo cerrado de fuzis

3 Por duas vezes seguidas, os ataques franceses foram repelidos. Detida pelos fuzis prussianos, a terceira e decisiva carga francesa recuou. Os prussianos suspenderam o fogo, poupando os sobreviventes

4 Instalado em posição privilegiada, numa colina perto de Sedan, Guilherme I, rei da Prússia, assistiu ao desenrolar da batalha e comentou a coragem dos combatentes



ines249

COMO ERA SER VELHO NO BRASIL?

MARY DEL PRIORE TRAÇA UM PANORAMA SOBRE A EVOLUÇÃO DA VELHICE AO LONGO DOS ÚLTIMOS SÉCULOS **POR MARCUS LOPES**

O Brasil é um país que envelhece. Dados do IBGE apontam que, até 2070, mais de 37% da população brasileira será composta por pessoas com 60 anos ou mais. A idade média da população, que era de 28,3 anos em 2000, deve chegar aos 48,4 anos em 2070. Em um horizonte mais próximo, até 2030 provavelmente será mais fácil encontrar na rua pessoas com mais de 60 anos do que crianças de até 14 anos.

Para lidarmos com esses números projetados para o futuro, a historiadora Mary Del Priore decidiu olhar para o passado e traçar a evolução da velhice no Brasil. Como era ser velho no Brasil colonial? O que mudou no conceito e atendimento aos idosos ao longo dos séculos? Essas e outras perguntas são respondidas em *Uma História da Velhice no Brasil* (ed. Vestígio).

No livro, a historiadora apresenta um panorama da velhice desde os primeiros tempos coloniais até os dias atuais, passando pelo Império e Primeira República. Personagens ilustres, como dom Pedro II, Joaquim Nabuco e José Bonifácio de Andrada e Silva, dividem o espaço com pessoas anônimas de todas as classes sociais, inclusive escravizados. Todos são retratados pelo viés da longevidade, mostrando a beleza, as conquistas e os desafios de ser velho no Brasil, independentemente da época e da classe social.

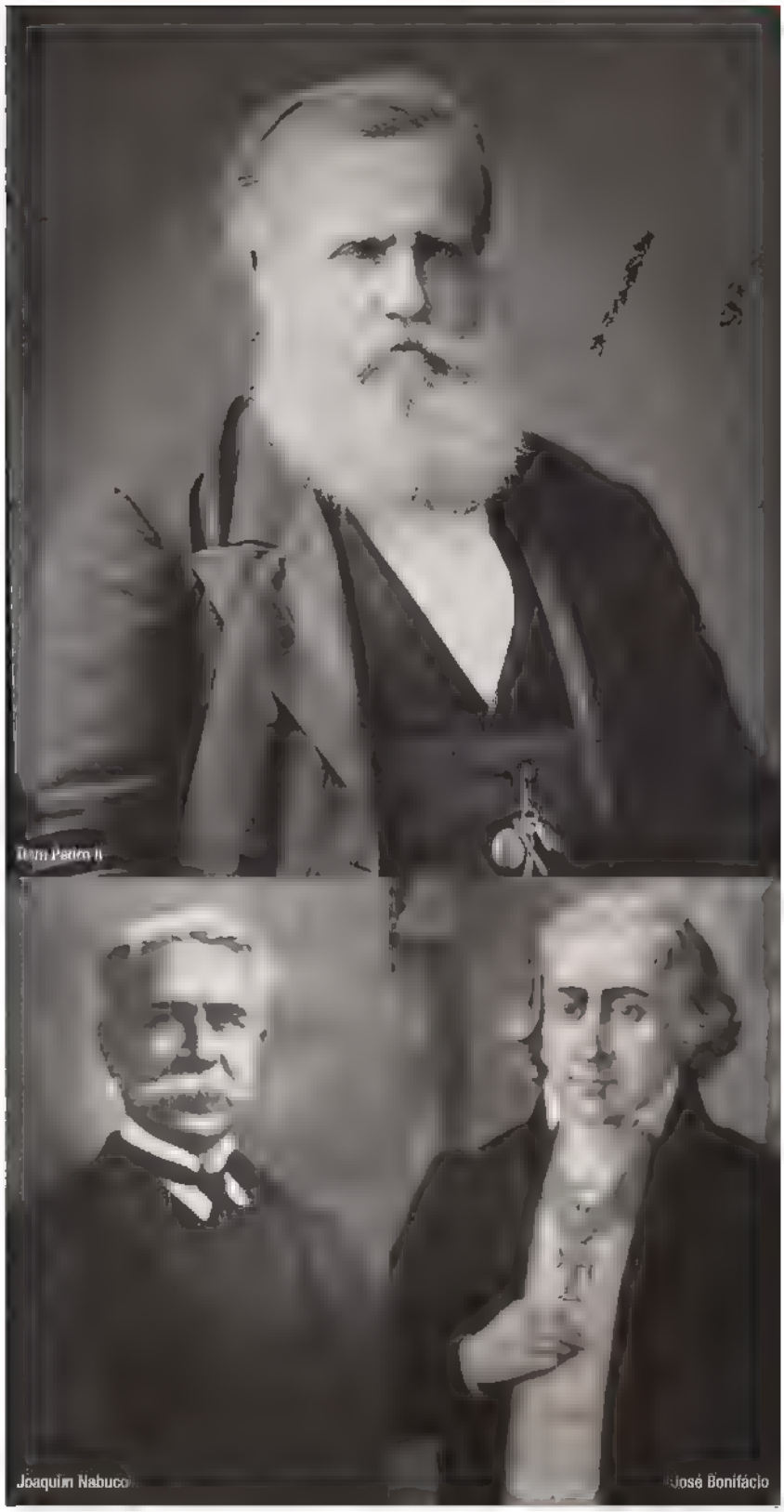
Para se ter uma ideia das mudanças demográficas no Brasil, nas primeiras décadas após a chegada dos europeus ao Brasil, no século 16, a expectativa de vida era de meros 21 anos, por conta do clima hostil a quem chegava. Mas quem não morria por fatores externos, como doenças, violência ou acidentes, poderia alcançar idades avançadas, já nos primeiros tempos da colonização. Viajantes europeus e jesuítas se impressionavam com a longevidade alcançada pelos nativos, nos séculos 16 e 17.

Documentos esparsos, relatos de viajantes e inventários revelam que os velhos, em maior ou menor número, sempre estiveram presentes na nossa sociedade. Inclusive centenários. "Os documentos históricos do período colonial comprovam a presença de longevos ativos nos mais diferentes grupos sociais. Eles me surpreenderam", explica Mary. "Resistiam, estavam lá, não guerreavam contra o tempo e sabiam a arte de acomodar os restos", completa a historiadora.

Outra surpresa para quem considera a velhice um fenômeno mais recente: o Recenseamento Geral de 1872, o primeiro censo feito no Brasil, revela um número nada desprezível de pessoas com mais de cem anos: 7 146. Em relação ao amparo, o primeiro asilo oficial de idosos foi fundado em 1872, no Rio de Janeiro, pela Ordem 3ª da Imaculada Conceição. Pelo interior do país, algumas Santas Casas de Misericórdia também ofereciam algum tipo de auxílio.

O texto mostra como os idosos já foram símbolos de sabedoria e respeito, mas também de abandono e exclusão, e como essas percepções foram moldadas por valores sociais, políticos, econômicos e até religiosos. A partir do final do século 19 e começo do 20, a formação de caixas de aposentadorias e desenvolvimento de novos medicamentos melhoraram a situação de quem conseguia atingir idades mais avançadas. Pequenas conquistas, como a chegada das primeiras próteses dentárias, no século 19, provocaram verdadeira revolução no bem-estar das pessoas. "A História mostra que tivemos velhos capazes de desenhar o seu futuro e que não se restringiram ao que lhe apontaram. Velhos que advertiam e se divertiam. Velhos que reivindicaram e tiveram voz", explica Mary, uma das historiadoras mais respeitadas do país e autora de mais de 50 livros de História do Brasil, em entrevista para a AVENTURAS NA HISTÓRIA.

ines249



Qual a importância de estudar a história da velhice no Brasil?
A necessidade de saber que temos de nos preparar para viver num país que, em 30 anos, terá quase o mesmo número de velhos do que de crianças. Seremos um país de cabeças brancas. Estamos nos preparando para isso? Tudo indica que não, pois o Brasil ficou velho antes de ficar rico. O impacto na economia, na aposentadoria, na medicina, nos planos de assistência, na vida dos velhos nas grandes cidades cada vez mais despreparadas para vê-los circular será enorme. Mas o cidadão tem que acordar para este futuro junto com o governo e se organizar para envelhecer com independência e saúde.

A senhora destaca no livro que o tema da velhice carece de documentação, em especial no período colonial. Quais seriam os motivos dessa carência de registros?
No meu livro, quis dar voz aos velhos. Ou seja, busquei documentos em que eles registram o seu envelhecimento. Especialmente diários, cartas, memórias. Elas começam a se multiplicar no século 19, inclusive com depoimentos de mulheres. E explodem no século 20. O que temos no período colonial são testemunhos de viajantes, cronistas e padres que registram suas impressões sobre eles. Especialmente nossos indígenas, descritos por eles como velhos combativos, fortíssimos, capazes de atravessar florestas correndo e sem um fio de cabelo branco. ▶

ines249

"Entre indígenas e europeus, os velhos podiam ser deixados pelas ruas. Já os africanos gozavam de um respeito inoxidável. Mesmo nas senzalas eram obedecidos pelos jovens até morrer"

Quais os melhores e piores momentos da velhice na História do Brasil?
Todos os momentos são ruins para o velho pobre e abandonado pela família. Sem bens, sem laços e sem apoio institucional, ficavam ao Deus dará. No passado, podiam ser deixados nas ruas para mendigar. Entre indígenas, assim como entre europeus, eram deixados pela estrada. Os africanos, por outro lado, gozavam de um respeito inoxidável. Na África, a gerontocracia é fonte de poder e respeito absoluto. Mesmo nas senzalas, os velhos pais Joões estavam no comando e eram obedecidos pelos mais jovens até morrer.

Que desafios os velhos sempre enfrentaram no Brasil, independentemente da época?
As doenças. Quando não eram vítimas, podiam se tornar centenários como acontece hoje, indistintamente de sua classe social, cor ou religião. O Brasil, até o século 20, contou com carência absoluta de hospitais e médicos. Durante séculos, foram os curandeiros, benzedores e receitas caseiras que combatiam as dores. Só nos anos 1960 começam a chegar os seguros de saúde e a indústria farmacêutica. E, nos anos 1980, a imprensa começa a noticiar sobre câncer - doença mais temida, então entre outras. A morte do presidente Tancredo Neves, em 1985, foi acompanhada por todos via televisão e rádio, permitindo aos brasileiros discutirem sobre tratamentos de saúde e a péssima situação nas UTIs. Operações de coração também chamavam a atenção. Com a promulgação do Estatuto do Idoso, em 2003, as autoridades começaram a dar os primeiros passos para ajudar os velhos no final da vida.

Em que momento o velho passou a ter mais direitos e uma participação maior na sociedade brasileira?
Tudo começou em 1923, com os ferroviários lutando por uma lei que os amparasse com um salário mensal. Conhecida como Lei Eloy Chaves, ela foi o embrião da Previdência Social. Em 1988, na Constituinte, federações e associações que defendiam os interesses dos idosos enviaram representantes para discutir suas pautas. Entre os parlamentares, a "bancada dos velhinhos" ficou conhecida por lutar por pautas mais conservadoras.

A função social dos velhos mudou ao longo das gerações? Como foram essas mudanças?
Até o início da República Velha, em diferentes partes do Brasil e independentemente de sua situação social, o velho patriarca ativo gozava do respeito absoluto da família. Pediam lhe bênção, seus conselhos eram ouvidos e sua experiência, valorizada. Com a chegada da aposentadoria, ele passou de velho ativo a inativo.

ines249

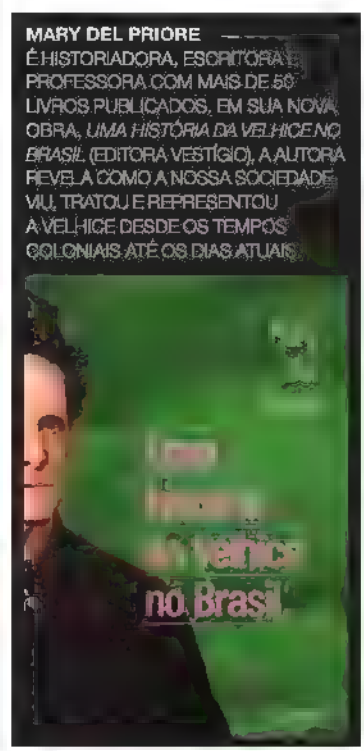
Sentia se "na sombra" e "sem valor" Mudou o tratamento, de "senhor meu avô" para "vovô". Nos anos 1920 e 1930, palavras como mocidade, moços, jovens, entraram na pauta e a nova geração "modernista" passaria a usar a velhice como sinônimo de antiquado, usado e ultrapassado. Isso vai se repetir nos anos 1960 e 1970 com a emergência da geração rock'n'roll, a chegada da pílula anticoncepcional, a revolução sexual que fez os velhos se sentirem cada vez mais longe dos netos Passaram de "vovozinho" a "velho babão" No século 21, em crescente maioria na sociedade, o velho se quer fazer jovem.

"No século 19, a velhice era sinônimo de poder e respeito. Os homens queriam parecer mais velhos. Hoje, ela é sinônimo de fragilidade e os velhos correm atrás da imagem da mocidade"

Como as transformações urbanas interferiram na velhice no Brasil?
Por questões econômicas, os velhos se retiraram para as periferias onde aluguéis se tornaram mais baratos do que os centros recém construídos. Muitos aposentados se organizavam em torno de um bairro específico ou de um clube Eles perderam o hábito de percorrer as mesmas ruas onde trabalhavam e passavam os dias, e tiveram que substituí los por outros. A chegada de carros e bondes ligeiros pelas ruas virou uma temeridade. Muitos eram atropelados. A desintegração da família patriarcal fez o resto: filhos partiam para estudar ou trabalhar fora e a família ficava reduzida ao casal que morava longe dos seus. Junto com as cidades, no século 20, cresceu a solidão entre os velhos

Antigamente era comum ficar velho mais cedo, inclusive na aparência. Homens jovens, por exemplo, procuravam manter uma imagem de mais velho. Hoje, parece ser o contrário, com os mais velhos em busca de uma aparência mais jovem. Como analisa essa questão?
É reflexo do mundo em que vivemos. Na segunda metade do século 19, a velhice era sinônimo de poder e respeito. Os homens queriam parecer mais velhos e, logo que podiam, vestiam se de fraques escuros, deixavam crescer barbas e bigodes, andavam de óculos e bengala na mão Hoje, a velhice é sinônimo de fragilidade, e os velhos correm atrás da imagem da mocidade, pois ela parece lhes fortalecer: cabelos pintados, musculação, surfe e Viagra

Como esse estudo ao longo dos tempos nos ajuda a lidar com a questão da velhice hoje?
Meu livro não tem receitas para envelhecer melhor, mas convida o leitor a conhecer como os nossos antepassados envelheceram. Eles foram exemplares diante das perdas, da falta de assistência, do abandono Nunca com "vitimismo" e sempre dando exemplo de coragem, altruísmo e pudor. Exatamente o inverso do que vemos hoje, sobretudo na imprensa e nas telas, em que a velhice parece coisa a ser esquecida. Mas, lamento informar, não é. Ao contrário Ela é inevitável



ines249

80 ANOS DEPOIS, SEM PAZ DEFINITIVA

Querido(a) leitor(a), oito décadas! Em maio de 2025, completam-se 80 anos desde o fim da Segunda Guerra Mundial na Europa – popularmente conhecido como Dia VE (Vitória na Europa). Oito décadas desde que o som dos canhões cessou e o continente, exausto, em ruínas e despido de ilusões, pôde, enfim, respirar. Mas será mesmo?

Dizer que a guerra terminou é uma daquelas simplificações que servem mais ao calendário do que à realidade. Em 8 de maio de 1945, houve a rendição formal das forças alemãs. O que se sucedeu foram abraços, lágrimas – de alegria por terem sobrevivido, mas também de tristeza pelas imensas perdas – e fogos. Mas aquele foi, de fato, o fim?

A destruição física pôde ser medida em pilhas de escombros, toneladas de concreto, quilômetros de estradas e ferrovias. Já a destruição humana – essa se desdobraria por gerações. É possível creditar a prosperidade dos anos pós-guerra à ideia de que dali em diante a rivalidade daria lugar à cooperação – uma vez que a humanidade não sobreviveria a outro conflito daquela magnitude. O projeto europeu, nascido da cooperação franco-alemã de 1948 – e que mais tarde evoluiria para a amizade franco-alemã de 1963 –, embrião da atual União Europeia (UE), é a maior prova disso.

Contudo, a guerra nunca cessou. Deixando de lado, por um instante, o fato de termos entrado na era atômica – afinal, a vitória definitiva só veio com a capitulação japonesa em setembro de 1945, após o crepúsculo nuclear em Hiroshima e Nagasaki –, o mundo pós-Segunda Guerra não conheceu paz plena.

Embora algumas sociedades tenham alcançado os frutos do Estado de bem-estar social, esses avanços não vieram sem sangue, suor ou novas lágrimas. A guerra, simplesmente, se

ines249

O líder soviético Mikhail Gorbachev e o presidente americano Ronald Reagan na Cúpula de Genebra, em 21 de novembro de 1985

deslocou para a periferia do sistema. Nos países do então chamado "terceiro mundo", muitos conheceram o gosto da liberdade apenas décadas depois – trinta, às vezes quarenta anos após o fim formal da guerra na Europa.

E mesmo no coração do mundo ocidental, os conflitos persistiram. Quantos jovens norte-americanos e europeus não tombaram em selvas tropicais, desertos longínquos ou montanhas distantes, travando lutas que seus líderes sabiam serem causas perdidas?

Em janeiro deste ano, escrevi aqui nesta revista a matéria de capa dedicada aos 50 anos do fim da Guerra do Vietnã (1955-1975). Na preparação, conversando com veteranos, colegas historiadores e documentaristas – pessoas que viveram ou, há anos, estudam o assunto –, dois elementos ficaram nítidos

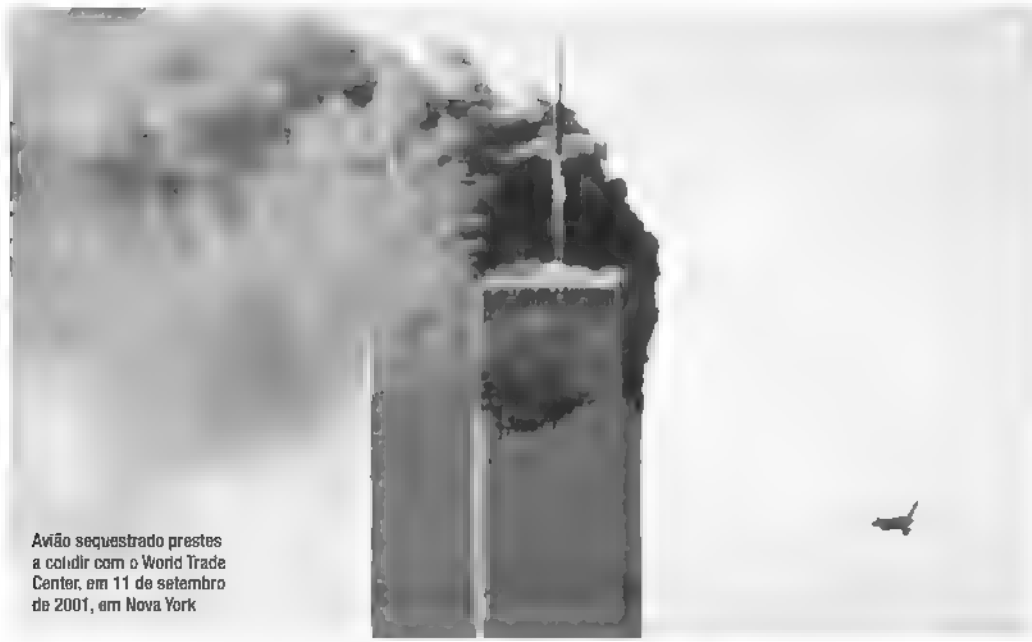
O primeiro foi "a herança de 1945" que levou os EUA ao Vietnã acreditando que seria uma guerra rápida e fácil. O segundo foi o impacto daquela beligerância nas selvas do Sudeste Asiático que transformou, de forma irreversível, a sociedade norte-americana – não veríamos a polarização atual, que alguns chamam de "queda de um império", sem o Vietnã.

Na Europa, o cenário não foi diferente. Entre 1945 e 1990, muitos jovens europeus tombaram em conflitos além-mar. E quando esses combates arrefeceram – porque nunca cessaram por completo –, veio o fim da chamada "guerra maior", a Guerra Fria, seguida pelo colapso da União Soviética e o esfacelamento da Iugoslávia. Transições que, longe de serem pacíficas, também cobraram seu preço. Os russos enfrentaram as guerras da Chechênia, enquanto os europeus – todos eles, mas, sobretudo, os dos Bálcãs – voltaram a encarar, de frente, os horrores da guerra· da Bósnia, da Sérvia...

Mencionei anteriormente que a destruição humana atravessou gerações. Mas, oitenta anos depois, aqueles que herdaram o mundo reconstruído (mesmo entre tantos erros e acertos) ainda se lembram do passado? Quando o último soldado, o último sobrevivente de um campo de extermínio, a última testemunha de uma ocupação nazista falecer, será que a memória desse conflito será lembrada?

Em 2025, quando assistimos a guerras sendo travadas novamente em diferentes partes do globo, quando vemos discursos de ódio retornarem às tribunas e revisionismos perigosos ganharem espaço, vale a pena perguntar: o que aprendemos, de fato? ▶

ines249



Avião sequestrado prestes a colidir com o World Trade Center, em 11 de setembro de 2001, em Nova York

Desde 1945, o mundo não conheceu um único ano de paz absoluta. Segundo o *Uppsala Conflict Data Program* – UCDP ("Programa de Dados de Conflito de Uppsala"), projeto de pesquisa da Universidade de Uppsala, na Suécia, que coleta e disponibiliza dados sobre violência organizada e conflitos armados em nível global, foram registrados mais de 200 conflitos armados distintos desde o fim da Segunda Guerra Mundial. Em 2024, por exemplo, havia 61 conflitos estatais ativos – isto é, que envolvem pelo menos um Estado-nação como parte combatente –, 11 dos quais ultrapassaram a marca de mil mortes em combates; além disso, mais de uma centena dos atuais conflitos pode ser classificada como guerras civis.

No início dos anos 2000, principalmente após o 11 de Setembro e o início da chamada "Guerra ao Terror", acreditava-se que a tecnologia e a informação ditariam os rumos do campo de batalha dali em diante. Era uma verdade parcial.

A guerra mudou muito desde então, mas, e como o conflito russo-ucraniano tem mostrado, assim como em 1945, números e homens em armas ainda contam. A guerra de escala, onde trincheiras ao estilo da Batalha do Somme (1916) convivem com ondas de drones armados, é a nova (velha?) realidade.

Enquanto estas linhas são escritas – e enquanto se comemoram os 80 anos do fim de um conflito que era para ter ressignificado a humanidade –, o mundo continua a se armar. Vivemos uma era de curvatura da história, na qual, assim como no passado, a geopolítica muda a uma velocidade frenética. A Paz de Vestfália (1648), o Congresso de Viena (1815) e as Conferências de Ialta e Potsdam (1945), reuniões que sucederam as grandes guerras de seu tempo, prenunciaram o início de uma nova ordem mundial; o fim da Guerra Fria, porém, não.

Esta terminou sem um derrotado militar – a União Soviética foi vencida no campo político e econômico, mas não em batalha – e o "Fim da História" jamais representou o encerramento de um capítulo. Em 1945, o mundo virou uma página; agora, 80 anos depois, após tantos conflitos, talvez esteja na hora de virar outra.

RICARDO LOBATO É SOCIÓLOGO E MESTRE EM ECONOMIA, OFICIAL DA RESERVA DO EXÉRCITO BRASILEIRO E CONSULTOR-CHEFE DE POLÍTICA E ESTRATÉGIA DA EQUILIBRIUM – CONSULTORIA, ASSESSORIA E PESQUISA @EQUILIBRIUM_CAP

ines249

Rolling Stone BRASIL
BUILDING

ÚNICO NO MUNDO.
UM SHOW À PARTE.

ESTÚDIOS DE GRAVAÇÃO E ENSAIO MUSICAL

APARTAMENTOS
de 85m² a 111,50m²
2 ou 3 SUÍTES

PORTO BELO, SC

More ou invista na **região mais valorizada do país**

Acesse e **SAIBA MAIS**

ÁREA DE LAZER COM 3.477,55 m²

4 Espaços coworking • Loja de conveniência • Quadra pickeball
Brinquedoteca • Espaço gourmet e Fire place • Piscina infantil/Prainha
Redário • Sauna úmida e seca • 2 Salões de festas • Academia • 3 Vestiários
Pub • Adega climatizada • Área para degustação de whisky e **muito mais**

construtorapotijuniorssa.com.br @potijuniorssa @rollingstonebr 47 99290-7980

BY POTI JUNIOR'S S/A
CONSTRUTORA E INCORPORADORA

ines249

PASSOS NO ESPAÇO

"Estou voltando... e é o momento mais triste da minha vida", disse o astronauta Edward H. White ao retornar, emocionado, à sua nave espacial após passar 23 minutos caminhando pelo espaço. Há 60 anos, em plena Guerra Fria, ele se tornou o primeiro americano a fazer uma EVA (sigla em inglês para *extra-vehicular activity*) ou atividade extraveicular, conhecida popularmente como caminhada espacial.

Suas imagens flutuando diante de nosso planeta se tornaram algumas das mais reconhecidas da era dourada da corrida espacial entre Estados Unidos e União Soviética. Seu passeio, porém, não ocupou a primeira posição do ranking. O pioneiro desse feito grandioso foi Alexei Leonov, que pertenceu a um grupo de 20 pilotos soviéticos selecionados para se tornarem os primeiros cosmonautas do país.

E o intervalo entre eles foi curto: enquanto o soviético realizou a primeira caminhada espacial da História da humanidade em 18 de março de 1965, cerca de dois meses depois, em 3 de junho, White se tornaria o primeiro astronauta da História da NASA (*Administração Nacional da Aeronáutica e Espaço*, a agência do governo federal dos EUA), a conseguir tal jornada. Segundo ele, à época, a caminhada foi tão estimulante que ele relutou a encerrar no tempo combinado, precisando ser ordenado a retornar à nave. Ao lado do piloto de comando, James McDivitt, o americano havia sido designado como piloto do voo Gemini-Titan 4, numa missão de quatro dias. Em menos de dois anos depois, em 27 de janeiro de 1967, Ed White morreu no incêndio ocorrido durante um teste de lançamento da Apollo 1, a primeira missão do programa que colocou o homem na Lua.

Ed White, piloto de voo espacial, usa capacete com viseira banhada a ouro para protegê-lo dos raios solares durante missão que o levou a caminhar no espaço, em 1965

FOTOS GETTY IMAGES

ines249

ines249

NOS AJUDE A PROTEGER A VIDA

WWF

#JuntosÉpossível

doe.wwf.org.br

O WWF-Brasil desenvolve, há mais de 23 anos, projetos e iniciativas de conservação do meio ambiente para que a sociedade brasileira conviva em harmonia com a natureza, em benefício das gerações atual e futura.

wwf.org.br

SIGA NOSSAS REDES

WWF-Brasil